

O Campus está em busca de uma maior participação da comunidade em suas páginas. Você tanto pode encaminhar uma nota a apreciação dos editores do Muro, como pode se valer dos nossos classifica-dos. Ou então, pode nos escrever e assim inaugurar uma seção de cartas.

Campus

A extrema-direita voltou a agir nas vésperas das eleições. Agora, os ataques são contra a ala progressista da Igreja Católica, e eles aconteceram através da falsificação de impressos, inclusive do órgão da Cúria paulista. Mais detalhes no Muro.

Jornal do Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília Nº 41, segunda quinzena de setembro/1982.



A UnB é uma Universidade aberta ou fechada?

Páginas 6 e 7

Foto James Gama

*Estudantes da
Medicina
mantêm greve*
(Página 3)

*O descaso
nos cinemas
da cidade*
(Página 10)

*Brasília busca
contatos do
terceiro grau*
(Página 5)

Reciclar e permanecer: imprensa e tecnologia.

Manoel Vilela de Magalhães

O videotexto (ou teletexto), novo meio eletrônico de informação, será ainda este ano uma realidade no cenário brasileiro das comunicações, graças a uma iniciativa da Telesp, de São Paulo.

Trata-se de um fantástico banco de dados que coloca na residência ou no local de trabalho do assinante as informações que ele solicitar, com uma simples operação num teclado digital acoplado ao seu televisor comum, e, naturalmente, a uma linha telefônica, por onde as notícias são transportadas.

As notícias desfilam no vídeo do receptor, em gênero e quantidade desejados pelo videoleitor, o assinante do novo serviço. Isto significa algum avanço na democratização dos padrões vigentes nesse setor em nosso País, já que o fluxo de informações não é oferecido totalmente ao sabor dos editores ou imposto pelos veículos. Embora as notícias e todos os demais serviços — incluindo romances, lazer e até obras artísticas — sejam editados por um fornecedor do videotexto, o leitor pode dizer exatamente o que quer.

Essa inovação, resultado da evolução tecnológica, colocada a serviço da comunicação, sugere desde logo uma reciclagem nos atuais métodos e processos de edição.

As modificações, ao contrário do que alguns supõem, não vão afetar apenas os jornais impressos, embora os alvos de seu interesse, possam ser desviados para outros campos, como aliás, já vem ocorrendo. Alguma coisa deve ser feita, pelo menos no tocante à estrutura da notícia a ser impressa em letras de forma.

Na verdade, a televisão, como veículo informativo de grande impacto, será a primeira grande vítima do videotexto, seu veloz vizinho eletrônico, se é que se pode chamar de vítima alguém ou alguma coisa que apenas precisa se reciclar, com algum esforço de imaginação, para encontrar a nova e mais adequada rota.

O videoleitor, vinculado por enquanto ao serviço da Telesp, e mais tarde a outros semelhantes, em escala nacional, será um cidadão muito bem informado, diferente do brasileiro comum, que, hoje, só às 8 da noite, pelos jornais da TV, recebe as primeiras informações.

Os noticiosos de televisão, mesmo usando imagens, não vão acrescentar muito ao conjunto de informações editadas pelo teletexto. A menos que, como se espera, passem a adotar uma característica que, atualmente, só é explorada pelo jornalismo gráfico: a interpretação.

Os jornais impressos souberam ingressar nesse terreno da notícia interpretativa tão logo perceberam que a TV passou a se preparar para oferecer serviços jornalísticos.

Muita coisa aconteceu desde então e é provável que alguns jornais tenham desaparecido exatamente, porque pararam, quando deles se exigia, no mínimo, a rápida adaptação aos novos tempos.

Este ano, deixou de circular o maior jornal de característica vespertina, nos Estados Unidos, um bom veículo editado na Filadélfia. E, neste momento, o *Daily News* atravessa uma fase de graves dificuldades depois de perder a hegemonia de circulação na cidade de Nova Iorque.

Os problemas desses jornais são muito parecidos com os dos diários da larga circulação das grandes metrópoles, que se voltam para um público de classe C, entendendo que se trata de um conjunto de pessoas interessadas apenas no noticiário qualificado de popular.

O engano parece ser este. O público, independentemente de sua categoria social, já recebe informações mais úteis por outras fontes e talvez comece a abandonar o hábito de comprar seu jornal impresso, no momento em que perceber que as notícias ali estampadas já não são úteis ou não passam de repetições das veiculadas pela TV. Ou pelo videotexto.

*Manoel Vilela de Magalhães é professor do Departamento de Comunicação e redator de O Estado de S. Paulo. Escreveu Produção e Difusão da Notícia.

Atentados e impunidade (1)

A extrema-direita continua a agir por todo o Brasil. Além dos tradicionais ataques aos partidos políticos, seja através de bombas em bancas de revistas ou assassinatos, tenta jogar a população contra a ala progressista da Igreja. Recentemente, sob os protestos da CNBB, o ministro Ibrahim Abi-Ackel, da Justiça, prometeu apurar os casos de falsificações de jornais católicos, como aconteceu com o *São Paulo*, da arquidiocese paulista. O sistema não consegue controlar o próprio sistema. No Gama, aqui mesmo no DF, circularam alguns impressos, falsamente atribuídos às Edições Paulinas, envolvendo religiosos que defendem os direitos dos trabalhadores com partidos denominados "satânicos". E o que é pior: confundindo democracia com autoritarismo repressivo, onde a liberdade é condicionada à subordinação. (Bartholomeu Rodrigues, Campus)

Atentados e impunidade (2)

Um atentado, por mais simples que seja, sempre tem o repúdio da nação e envergadura aos seus cidadãos. O mínimo que se pode esperar dos governantes é que elucidem os casos. Mas não tem sido assim há muito tempo. A nação tem visto passar para a história crimes repugnantes sem que deles se conheça o culpado. A impunidade desses malfetores tem gerado, inclusive, no próprio seio do governo defecções importantes como a do general Golbery. Foi assim com os atentados à OAB, à Câmara Municipal, às bancas de jornais e também no vergonhoso caso Rio Centro. Desta vez, nem a Igreja escapou. A falsificação do jornal "O *São Paulo*" da Cúria Metropolitana não foi um atentado que provocasse danos físicos, mas que visa desacreditar moralmente uma das principais figuras do clero nacional, o cardeal Dom Evaristo Arns e, mais que isso, desacreditar a própria igreja que tem desempenhado um papel relevante na conscientização política do nosso povo. Dom Luciano Mendes, ao pedir ao ministro da Justiça que se empenhe na solução do atentado, revela acima da ansiedade da igreja, o desejo do próprio povo brasileiro que está cansado das impunidades mal disfarçadas. É a última prova de fé nas instituições. Mas, no fundo se tem quase que certeza — mais um "Rio Centro" para o arquivo. (James Gama, Campus)

Política e violência

A medida que as eleições de novembro se aproximam, as campanhas se intensificam em todo o país. Comícios, passeatas, cartazes colados em muros, pichações nas paredes e debates pela televisão, que aliás se esgotaram dia 14, com a entrada em vigor da Lei Falcão. Deveria ser este o panorama em todos os estados brasileiros, com os políticos preocupados apenas em fazer a sua campanha política. Mas não é que se verifica quando abrimos os jornais. Chegam notícias dos vários cantos do país sobre atentados aos candidatos de todos os partidos indistintamente, alguns inclusive com mortes. O PT vem sofrendo repressão policial em quase todas as

MURO

manifestações de rua que promove. O Nordeste ocupa o primeiro lugar em número de atentados e mortes. As famílias dos candidatos são ameaçadas na rua e pelo telefone. O sr. Eramso Dias (PDS-SP), em recente entrevista, declarou que se estes "comunístóides" ganharem as eleições para a Câmara Federal ele entre lá de metralhadora em punho. Isso sim é um ato de terrorismo que a nação deve repudiar através do voto consciente e exigir do presidente Figueiredo a verdadeira democracia, e não este esboço com o qual ele diz ter presenteado a nação. O povo não mais aceita estes atos de terrorismo e saberá, no dia 15 de novembro, dar a resposta a esta situação na qual o país se encontra. (Terezinha Silveira Campus)

Centro de Convivência

Não vamos constatar mais uma vez o notório isolamento da "comunidade" universitária, rigorosamente dividida. Vamos pensar em soluções: que tal rejuvenescer para viabilizar a antiga e ótima ideia de criar o Centro de Convivência da UnB, a exemplo do que já existe em universidades do Brasil e do mundo? Um espaço equipado para permitir o debate, a produção e a divulgação de atividades de estudantes, professores e funcionários, enfim, um espaço que promova a integração da comunidade da UnB. (Márcio Araújo - Comunicação)

Debate emudecido

Com a entrada em vigor esta semana, da Lei Falcão, estão proibidos os programas de debates entre candidatos a eleição de novembro, e até mesmo os discursos do presidente da República deverão ser previamente revistos para evitar a menção de qualquer partido político. Criada nos anos do Governo Geisel, a Lei Falcão foi criada com o objetivo claro de dificultar a ascensão do único partido de oposição da época, o MDB. O raciocínio era simples: ou o Governo usava de prerrogativas autoritárias ou se veria seriamente ameaçado pela frente oposicionista, o que, em outras palavras, significaria o malogro do movimento militar de 64. As eleições de 74 demonstraram o enfraquecimento da direita e antipatia do povo pelo regime militar. (Maria Luisa, Campus)

Eleições diretas

Com a participação de 200 delegados, representando os 25 sindicatos e associações do país, o XIX Congresso Nacional dos Jornalistas Profissionais, reunido em Guarapari (ES) nos dias 8, 9, 10 e 11, deliberou — numa prova de que o compromisso democrático dos jornalistas é mais que uma palavra de ordem — por eleições diretas para a sua federação nacional, rompendo com a camisa de força imposta pela atual legislação trabalhista. (Rodrigo Mesquita, Comunicação)

Currículo discutido

Estudantes e professores do Departamento de Comunicação

iniciaram uma discussão sobre os novos currículos para os cursos dessa área. A proposta apresentada pela Comissão do CFE foi parcialmente avaliada nas primeiras reuniões. Muitos pontos geraram controvérsias e novas propostas. Os debates continuarão sempre às quartas-feiras, às 10 horas, no Departamento. O Centro Acadêmico da Comunicação alerta para a importância dessa discussão — pois através dela nossa posição em relação ao novo currículo será definida — e convida todos os estudantes para participar das discussões. (Centro Acadêmico da Comunicação)

Simon e Garfunkel

Foi um momento surpreendente. Simon e Garfunkel desfilaram para um público extasiado toda a emoção que sua arte pode traduzir. Para nós brasileiros, bombardeados por enlatados repletos de policiais corruptos, grupos para militares e aventureiros em busca de fortuna fácil, nada melhor.

Em todas as canções as coisas boas e más foram revividas. Ficou, no entanto, a impressão de que os dois ganharam a serenidade de quem sabe por onde caminha. A sensibilidade, característica que sempre os acompanhou, serviu para aliviar a sensação horrível de que o pragmatismo obstinado dos americanos tivesse tomado conta de todos eles. (Nelson Luiz - Campus)

Cabeças reeditadas

Apesar da divulgação, boca a boca, a loja de produtos naturais Jardim das Delícias reeditou no último domingo dia 12, na grama da SQS 110 digno dos tempos da Galeria Cabeças com Aristides e a Banda Grande Circular, Renato Matos, Renato Vasconcelos e o Grupo Instrumental e Tal.

Há quatro anos a Cabeças iniciou seus shows mensais como parte de um projeto artístico-cultural independente do eixo Rio-São Paulo. Com o tempo a marca Cabeças virou mito. Agora, o espaço volta a ser ocupado. Ninfetas, punks e os tradicionais "malucos", cantavam e dançavam mas o mais importante mesmo era a confraternização. Como disse Nêlio Lúcio, o organizador da Cabeças, "isto tudo é o maior barato; precisava acontecer". (Débora Maroja)

Campus

Publicação quinzenal do Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Edição a cargo das disciplinas: Técnica de Jornal e Periódico I, Estágio Supervisionado, Paginação e Revisão e Introdução à Fotografia.

Na Medicina, o internato. Na Mecânica e Florestal, contratações. Greves põem a UnB em questão

Estudantes querem livre internato



Sandra Tibana

Em passeata, os grevistas alertam a comunidade para seus problemas

Alunos procuram reativar a escolinha de arte

"A partir de tentativas passadas de se estruturar uma escolinha de arte na UnB, um grupo de alunos está disposto a realizar um trabalho de recriação da escolinha", afirmou o aluno de educação artística Ediberto Queijado de Sousa, um dos coordenadores do grupo. Para ele, é necessário se colocar em prática os conhecimentos obtidos durante o curso tentando, inclusive, suprir um espaço na universidade para atender os filhos de professores, alunos e funcionários.

De concreto mesmo, diz Ediberto, existe a ideia de se reativar a escolinha, com a preocupação de não se centralizar a responsabilidade dela na mão de poucas pessoas, permitindo assim, uma ampla participação dos interessados neste tipo de atividade.

INCENTIVO

Joaquim Nogueira, aluno de antropologia, também coordenador do grupo de reativação da escolinha, acha que a universidade deveria reconhecer os créditos das pessoas que ativam esse trabalho, como uma forma de incentivo à participação, "já que é uma atividade de interesse comunitário dentro da universidade". A escolinha, considera Joaquim, é uma tentativa de suavizar a falta de pesquisa alternativa na UnB, lembrando que "a melhor forma de aprender é ensinar".

As pessoas interessadas em participar do grupo reativação da escolinha de artes da UnB deverão entrar em contato com Ediberto, no Departamento de Desenho. (Eduardo de Oliveira)

Fórum de debates encaminha propostas

"A participação da comunidade no II Fórum de Debates da UnB foi boa, apesar das dificuldades que surgiram devido à política de omissão adotada pela Reitoria diante desse tipo de evento", afirmou o estudante de Agronomia Zeke Beze, presidente do Diretório Central de Estudantes.

Quatro encaminhamentos básicos, decididos através de assembleia realizada no dia dois de setembro, orientaram a sequência do II Fórum de Debates da UnB. São eles: 1) as conclusões do Fórum foram encaminhadas pelo DCE e ADUnB, para discussão, ou Conselho de Ensino e Pesquisa da UnB; 2) divulgou-se através da imprensa local e de um jornal editado pelo DCE e ADUnB o documento final aprovado pelo II Fórum; 3) durante o mês de setembro será realizado o primeiro seminário sobre o funcionamento das entidades estudantis (CAS e DCE); 4) formaram-se três comissões de estudos destinadas a formular uma proposta sobre o funcionamento do curso noturno da UnB, estudar a distribuição das verbas da administração da universidade, e estudar a implantação de um centro de convivência na universidade.

Volnei Garrafa, presidente da ADUnB, ficou satisfeito com o II Fórum, achando boa a participação que girou em torno de 1.000 pessoas nos debates, lembrando ainda que esse espaço democrático deve ser reproduzido com mais frequência. (Eduardo de Oliveira)

Mantendo de pé a greve deflagrada no dia 19, os estudantes de Medicina e Enfermagem da UnB estão envolvidos numa verdadeira maratona com a realização de assembleias permanentes e atividades culturais, como a festa do Bisturi, no Iate Clube. Mediram a pressão de funcionários e alunos no Bandejão e estão mantendo contatos com a Reitoria e a Diretoria da Faculdade de Saúde. Assim, divididos em comissões específicas e sempre de branco, vivem um período delicado de suas vidas acadêmicas.

A questão central no episódio é o convênio entre a Fundação Universidade de Brasília (FUB) e a Fundação Hospitalar do DF, rompido em 1979 e não reatado. Os futuros médicos e enfermeiros reclamam que sem o convênio não podem exercer o sistema de "livre internato". Em recente exposição de motivos, entregue à comissão do Ministério da Educação e Cultura que estudava as condições da prática do ensino no Hospital Presidente Médici, eles detalham propostas para o convênio. Apoiam-se em outros documentos, entre os quais a ata da reunião do Conselho Departamento da Faculdade de Ciências da Saúde de 19 de setembro de 1979. Consta da ata a aprovação, pela Congregação da Carreira da Medicina, do sistema de "Livre internato".

ATENDIMENTO

Algumas posições indicativas de órgãos do MEC ligados ao ensino da saúde e de organismos como a 30ª Assembleia Mundial de Saúde e a Conferência de Alma-Ata, realizadas para definir metas de atenção primária à saúde, são expostas no documento dos alunos. Esses organismos consideram que a formação do médico deve-se dar de maneira que ele tenha contato com os mais diversos tipos de atendimento, casos e sistemas hospitalares, capacitando-o, no futuro, a se engajar em serviço de medicina curativa, preventiva e programas de saúde junto à comunidade.

Isto não seria possível, no entender dos alunos, no Hospital Presidente Médici, muito especializado e fora da realidade do sistema hospitalar do DF, onde no futuro irão trabalhar. Por seu lado, o Diretor da Faculdade de Saúde, Dr. Adalberto Café, considera o assunto encerrado. Ele disse que se o convênio com o Hospital Presidente Médici acabasse estaria acabada também a

Faculdade. Na reunião conjunta dos alunos com a Congregação de Carreira da Medicina, no dia 6, a reação da Diretoria de acordo com os estudantes, foi de desatenção às palavras dos alunos, dando a entender que nada mais havia para ser feito.

A Reitoria endossa a posição da Diretoria da Faculdade e concorda que o Hospital-escola é o melhor local para a realização do internato. O Reitor José Carlos Azevedo entende que situações ideais como as descritas em documentos do MEC, por exemplo, são difíceis de serem alcançadas, devendo os alunos contentar-se com o que é oferecido no Hospital Presidente Médici. Azevedo acha que um dado a mais complica o impasse: a Fundação Hospitalar não quer os alunos. Ele concorda com os motivos, mas não quis citá-los. Os alunos dizem que o Secretário de Saúde, Jofran Frejat, em todos os contatos mantidos até hoje, mostrou-se bastante receptivo ao diálogo. Espera, apenas, a resolução da greve.

SOLUÇÃO

O que, então, no fundo, adia a solução do impasse? Questões políticas ou financeiras? Nos dez anos que durou o convênio com a Fundação, no Hospital de Sobradinho, a UnB arcava com todas as despesas. Parece que isso em nada agradou à Administração Central. Por outro lado, o Hospital Presidente Médici estaria recebendo verbas do Governo para seu funcionamento como Hospital-escola. O que deve agradar a Administração Central. Os alunos pensam que talvez a Universidade queira justificar o uso dessas verbas. Eles, entretanto, não descartam a possibilidade de usar o Hospital Presidente Médici, contanto que tenham livre escolha para o seu internato, com o acompanhamento de perto da Universidade. Isto resolveria a questão daqui para a frente.

Sem uma resposta mais concreta do MEC, os alunos em greve, com apoio do Sindicato dos Médicos do DF e da ABRAMER (Associação Brasileira dos Médicos Residentes), já dirigiram várias cartas abertas à população, explicando os motivos do movimento: Lutam pela melhoria do atendimento médico, que perde com a deficiência do ensino. (Nelson Luiz)

Mecânica e Florestal paradas: falta professor

IMPASSE

Contratação de dez novos professores. Este é o motivo que levou os alunos de Engenharia Mecânica a entrarem em greve. O Departamento inteiro está paralisado e os estudantes reclamam da sobrecarga de trabalho de determinados professores, que chegam a lecionar duas e até mais disciplinas. Reclamam também da não utilização dos laboratórios, que correm o risco de se estragarem por falta de pessoas especializadas para cuidar dos equipamentos.

Segundo o estudante Eduardo Lima, os alunos de Engenharia Mecânica já foram recebidos duas vezes pelo reitor José Carlos Azevedo, que diz que a universidade tem recursos e vagas para novos professores. Mas, para o reitor, os currículos apresentados pelos candidatos são insuficientes e fracos. Os alunos discordam porque os próprios professores do Departamento, que tiveram a oportunidade de analisar os currículos, os consideraram satisfatórios.

O impasse continua. A greve que começou no último dia 2, deve durar até que as reivindicações sejam aceitas. Agora os estudantes aguardam o resultado da publicação do edital de convocação de novos professores, que saiu nos jornais no último fim de semana.

A necessidade de contratação de novos professores vem desde 1980, e desta vez os alunos garantem que não desistirão enquanto suas reivindicações não forem atendidas.

A falta de professores atingem também o Departamento de Engenharia Florestal. Eles são apenas quatro para 12 disciplinas. Os alunos da Florestal decidiram entrar em greve na última sexta-feira. Eles, principalmente os formandos, reclamam das disciplinas que foram oferecidas e até hoje não se iniciaram por falta de professores. Eles pretendem continuar a greve até que o quadro de professores seja refeito. (Virgínia Meireles)

Resenha

A preocupação maior da AAAUnB neste semestre é a realização dos IX Jogos Universitários do Distrito Federal, em Outubro. Nesse sentido já estão sendo feitos treinamentos desportivos nas modalidades de Natacão; Polo Aquático; Handebol; Tênis de Mesa; Voleibol; Basquetebol e Futebol de Salão. As atividades da AAAUnB, são dirigidas a toda a comunidade universitária. Participe.

A Associação Atlética Acadêmica Universidade de Brasília (AAAUnB) já deu início às suas atividades deste semestre. Estão no programa cursos de Iniciação à Natacão, Aperfeiçoamento à Natacão, além do Campeonato de Tênis de Campo e das Sessões de Musculação. Procure a AAAUnB na Faculdade de Educação Física.

ODCE, através da Comissão de Cultura, está promovendo um concurso para cartaz. Os interessados devem apresentar até até cinco fotos em papel brilhante tamanho 18x24 sobre o tema "UnB" na Secretaria do Departamento de Desenho. A promoção tem o objetivo de arrecadar fundos para apoiar o cineclube Aruanda e termina no dia 17 de setembro. Os trabalhos não selecionados serão devolvidos e o DCE pede que o material seja entregue em envelope com nome, endereço e telefone.

O Departamento de Geografia e História promove de 13 a 17 deste mês "X Semana de Filosofia: Pensamento Medieval". Os trabalhos que serão realizados em duas sessões, uma às 10 e a segunda às 22 horas, no Auditório Dois Candangos, abordarão os seguintes temas: "Filosofia e Filosofias na Idade Média", Neo Platonismo na Filosofia Judaica Medieval, "O De Consolatione Philosophiae e de Boécio", "Reflexões Sobre 'As Duas Cidades' de Otto Freiéis Ing", "A Integridade da Pessoa Humana à Luz do Ato Intelectivo em Stº Tomás de Aquino", "O Comentário de Pedro Hispano ao Divinis 'Nominibus' do Pseudo Aeropagita", "O Pensamento Político de Egió Romano e Sua Influência na Bula 'Unam Sanctam', 'Aspectos do Pensamento Político da Escola Franciscana', 'As Ideias Políticas de Guilherme Occham na 'Consulatio de Causa Matrimonial', 'Origens Medievais do Pensamento Moderno'.

De 21 a 24 de setembro estará na UnB o pensador francês Bertrand Jouvanel. As palestras terão lugar no auditório Dois Candangos, sempre às 20hs.

Com patrocínio do Ministério da Justiça e coordenação do Centro de Direito

Romano e Sistemas Jurídicos, o Decanato de Extensão da UnB promoveu nos dias 13 e 14 o 3º Seminário Italo-Brasileiro de Direito Romano. O seminário foi fruto do constantes contatos entre a UnB e a Associação de Estudos Sociais Latino-americanos, que possibilitou a criação do Centro de Estudos de Direito Romano e Sistemas Jurídicos. O Ministro Abi-Ackel é um de seus membros-fundadores.

Também sob coordenação do Centro de Estudos de Direito Romano e Sistemas Jurídicos foi realizada uma Jornada de Direito Comparado. Na pauta, a Atualidade do Direito Muçulmano e o Direito Internacional Privado, com a participação de professores brasileiros e italianos. Para o dia 20 de setembro está programada a Conferência de Direito Canônico. Nela o professor Petro Gismond, Reitor da Universidade de Roma II, falará sobre a atualidade do Direito Canônico.

O local é o Auditório Joaquim Nabuco, na Faculdade de Estudos Sociais Aplicados e terá início às 10hs. A taxa de inscrição é de Cr\$ 150,00 para estudantes e Cr\$ 500,00 para o público em geral.

Tem início no dia vinte de setembro e vai até o dia 8 de outubro o exame em língua estrangeira para os alunos da opção 3727. Para quem vai pedir Trancamento em Disciplina, Trancamento Justificado e Trancamento Geral de Matrícula o prazo se encerra no dia 30 de setembro.

Dia 15, às 20 hs, no Auditório Dois Candangos será aberto o Seminário "Experiências de Integração", promovido pela UnB e o CEISAL (Conselho Europeu de Pesquisas sobre a América Latina). As atividades se estendem até o dia 18, sábado.

Os interessados em fazer os cursos oferecidos pelo Serviço de Ensino à Distância, do Decanato de Extensão da UnB, já estão recebendo os programas. Os primeiros cursos são Introdução à Ciência Política; Relações Internacionais e Introdução ao Pensamento Político Brasileiro. A metodologia utilizada é fornecida pela Open Universidade Inglesa e o programa inclui participação de autores brasileiros.

Estão abertas, até o dia 23, as inscrições para o concurso para professores de níveis A, B e C da Fundação Educacional.

O horário de atendimento é de 8:30 às 11h e 14:30 às 17h, no IDR - Instituto de Desenvolvimento de Recursos Humanos (atrás do DETRAN). A taxa de inscrição é de Cr\$ 1.000,00 para classe A e Cr\$ 1.500,00 para as classes B e C.



Foto Sandra Tibana

Jovem brasileiro: rompendo os preconceitos em busca de uma maior participação na comunidade

"O regime alienou a juventude"

Os jovens já foram taxados de muitas formas. No fim dos anos 50, eles eram a "Juventude Transviada", influenciados pelo cinema americano de James Dean e Marlon Brando. Nos anos 60, eles revolucionaram os costumes. O rock explodiu no mundo. As velhas estruturas foram abaladas com o Maio de 68. Uma nova proposta foi lançada: "Paz e Amor". Nascia o movimento "hippie", que mais tarde seria incorporado pela própria Indústria Cultural. Dez anos depois de toda essa efervescência, como está a Juventude Brasileira? "Geração A1-5", "Geração Abandonada", ou quem sabe trata-se apenas de pessoas que procuram respostas para questões, assim como todas as outras gerações o fizeram?

A partir de uma série de reportagens publicadas no Estado de São Paulo sob o título "Geração Abandonada", pelo jornalista Luiz Fernando Emediato, que conviveu durante dois meses com jovens do Rio e São Paulo, e do ensaio "Geração A1-5" de Luciano Martins, a Frente Cultural do DF promoveu o "Seminário Juventude Brasileira" na UnB. Durante quatro dias, de 26 a 29 de agosto, professores e psicólogos tentaram discutir os principais aspectos do comportamento dos jovens hoje, tais como, sexualidade, participação política, mercado de trabalho, família, produção e consumo de arte.

PROPOSTA

A proposta da Frente Cultural era traçar um grande painel da situação da juventude hoje no país. No entanto,

o objetivo aparentemente não foi alcançado. As falhas na organização do Seminário e a própria condução dos debates não estimularam a participação do público universitário, que se no primeiro dia lotou o Auditório 12, nos dias seguintes, não se sentiu atraído pelas discussões.

"O Seminário não correspondeu às nossas expectativas", diz Marcelo Montiel, diretor de Cultura do DCE e membro da Frente Cultural. Para ele, o Seminário foi "extremamente falho como um todo, mas teve pontos positivos, como a discussão sobre a participação política do jovem através da fé".

Para Luis Fernando Emediato, a Igreja não tem nada a oferecer ao jovem. Ela está "mais preocupada com a morte e o, sacrifício que com a vida". Zé Carlos, do movimento religioso Emaús, estudante de Medicina da UnB, não concorda com Emediato, na medida em que "a Igreja não é o Papa ou apenas quatro paredes, mas sim os cristãos. Afé, a Religião são transcendentes".

As visões sobre a participação ativa do jovem no meio social nem sempre são muito otimistas. Existe atualmente uma opinião geral de que a juventude tem preconceito contra a política e desconfia das opções propostas pelos políticos e pelos partidos. Um exemplo típico que ocorre na cidade é a afirmação "Sou de Brasília e não posso votar", o que dá uma medida do sentimento de impotência dos jovens em relação às possibilidades concretas de mudança social.

Enquanto a juventude encontra os canais para a sua participação política fechados, ele assiste, segun-

do a psicóloga Eveline Cascado, a uma "Abertura Sexual", transmitida pelos meios de comunicação de massa. A TV, o Rádio, a revista, o cinema trazem o apelo da abertura para a sexualidade, da descoberta do corpo, da valorização do jovem enquanto tal. "Com o casamento cada vez mais cedo, o jovem não usa desta 'Abertura Sexual', imitando mais uma vez os mais antigos", argumenta Eveline. No entanto, os jovens que participaram das discussões têm outra opinião: se antes o tabu existia contra o não casamento, agora ele é contra o casamento. A união marido e mulher torna-se uma opção numa fase de transição, onde os velhos tabus convivem com uma grande ansia de liberdade.

QUESTÃO

A questão é: que liberdade seria essa? Uma "calça velha azul e desbotada" como quer a Indústria Cultural? Ela vende a imagem do jovem bonito, saudável, atleta, que não pensa, não questiona "transforma as pessoas numa massa idêntica, estúpida, oca, vazia, para as quais o último disco da série é a palavra de ordem", protesta Rogério Costa Rodrigues, crítico de cinema e professor de arte da UnB. Para ele, a produção cultural da juventude é inexpressiva, carecendo da criatividade tão característica das vanguardas. "Quem está fazendo algo criativo tem mais de 30 anos: Cristiano Veloso, Eduardo Dusek, Angela Rô Rô, porque eles cresceram num momento em que havia vibração, autenticidade, e hoje não há mais isso", finaliza Rogério. (Eugênia França e Rossana Alves)

Novas perspectivas para o RP

Como anda o mercado de trabalho para os profissionais de relações públicas? A julgar pelos depoimentos ouvidos durante o VII Congresso de Relações Públicas, nos primeiros dias de setembro, ele estaria se ampliando.

A exemplo do que aconteceu com o setor de propaganda, que durante o ano de 1981, enquanto os negócios de todas as outras atividades da economia sucumbiam à crise econômica, apresentou aumento de faturamento, as assessorias de relações públicas estariam vivendo um período de aumento de verbas.

"Nos últimos dois ou três anos tem havido um grande interesse por parte das empresas em contratar bons profissionais de relações públicas. Esta é uma tendência nova, que talvez se confirme nos próximos anos, até agora as empresas sempre encararam o RP como um fazedor de festas mais ou menos inocuas", afirma-Nemécio Nogueira, há vinte anos no ramo, que

hoje é diretor de Relações Públicas da Alcoa.

A grande questão, segundo Nogueira, seria saber se os profissionais que estão saindo hoje das escolas de comunicações estariam preparados para não perder o que ele chama de oportunidade ouro, em favor de pessoas não legalmente registradas nos Conerpas.

MUDANÇAS

Essa atitude nova por parte das empresas estaria ligada a mudanças importantes na vida do País. Com a imprensa funcionando mais livremente, a opinião pública passa a ter algum peso e as relações das empresas nacionais e estrangeiras com a sociedade sofrem uma modificação. Os funcionários do governo precisam ser alcançados não apenas por meio de relações pessoais mas por um trabalho mais sistemático de relações públicas, de relacionamento corporativo das empresas com a grande quantidade de pessoas que integram os escalões do governo. A imprensa deve ser informada com

mais eficácia sobre o ponto de vista da empresa.

Mas, para chegar a exercer esse papel e atender às necessidades de quem emprega, o pessoal de RP ainda teria muitas lacunas a preencher, na opinião dos participantes do VII Congresso.

Para Nogueira, por exemplo, faltariam aos profissionais que estão se formando agora instrumentos simples como a fluência em língua estrangeira ou um bom texto de português, e qualificações mais difíceis de obter, como experiência na área de publicidade, conhecimentos básicos de contabilidade e administração de empresas e alguma vivência de jornal, já que o trabalho de relações públicas, sendo um composto de atividades de propaganda, atuação junto aos jornalistas e influência no planejamento feito pela direção da empresa onde se trabalha, exigiria tudo isso, ainda que muitas dessas qualificações não constem do currículo básico das escolas de comunicação. (Claudia de Souza)



Foto Armando Bulcão

Amigos do Museu não querem vê-lo desvirtuado

Bancários definem acordo com patrões

Um acordo possível. Esta foi a decisão da assembleia dos bancários, realizada na última quinta-feira, dia 9, convocada para discutir as propostas dos patrões.

O número de bancários presentes foi bem menor que o da assembleia anterior. Segundo a vice-presidente do Sindicato, Albertina Magalhães Moraes, os bancários foram desestimulados pelas propostas dos patrões, bastante inferiores ao pleiteado pela categoria, daí o pequeno comparecimento à assembleia.

PROPOSTAS

Uma das principais reivindicações dos bancários é a estabilidade no emprego, como forma de impedir que os patrões demitam funcionários com dois ou três anos de serviço e contratem outros com salários inferiores. Esta proposta foi prontamente rejeitada pelos banqueiros que têm no desemprego sua principal arma para impor um acordo à categoria.

Até agora, o máximo conseguido pelos bancários foi um piso salarial de 30 mil cruzeiros para auxiliares de portaria e 38 mil cruzeiros para escriturários, contra 35 e 45 mil cruzeiros reivindicados pelo sindicato. Também no item produtividade a proposta dos banqueiros é bem menor que a da categoria. Enquanto os bancários exigem 15%, os banqueiros oferecem 5% até o limite de 3.400 cruzeiros.

Um avanço conseguido pelo sindicato nas negociações é a proposta dos patrões do pagamento de um salário de referência — cerca de 7 mil cruzeiros — como forma de suprir a falta de creches. Porém, este pagamento só será efetuado a partir da apresentação de recibo.

Segundo a vice-presidente do Sindicato, Albertina Moraes, o que está impedindo a categoria de conseguir um bom acordo é o desemprego. Os bancários têm medo de perder o emprego e os patrões usam esta situação para pressionar e impedir qualquer movimento de reivindicação.

O Sindicato optou por um acordo para fugir ao dissídio coletivo que seria uma solução ainda pior. A Vice-Presidente afirma que o "Tribunal Regional do Trabalho está desmoralizado" pois suas decisões são sempre favoráveis aos patrões. Segundo Albertina Moraes, alguns bancos não pagaram, até hoje, o dissídio do ano passado.

Mesmo não conseguindo o acordo desejável, a Vice-Presidente do Sindicato, diz que a campanha salarial teve um resultado positivo: o de mobilizar e fortalecer a categoria. Além do grande número de novos associados conseguidos pelo sindicato, houve uma grande mobilização em torno das discussões. (Antônio Claret)

Fogo destrói casebre e esperança de vendedor

Na semana passada, o barraco do "seu" João, vendedor de laranjas, residente em Taguatinga Sul, foi totalmente destruído pelo fogo. Ninguém sabe como aconteceu. Nenhum jornal noticiou. E "seu" João ficou sem lugar para morar. É mais um velho abandonado nas ruas.

Como sempre, ele saiu de manhã e só voltou à noite, empurrando o carrinho vazio. Antes mesmo de chegar em casa, sentiu o cheiro de fumaça e apressou os passos, encontrando seu barraco em chamas. Os vizinhos tiveram que intervir para impedi-lo de entrar no meio do fogo, na tentativa de salvar alguma coisa. Muito abatido, "seu" João chorou e lamentou pela sua horta, que foi totalmente destruída.

CAUSAS

Trinta e dois barracos incendiaram-se de janeiro até agora, em Taguatinga e Ceilândia. Desses incêndios, 14 aconteceram nos meses de agosto e setembro, segundo informou o tenente do Corpo de Bombeiros de Taguatinga, Josué Antônio da Silva.

Segundo o Tenente, os locais de maior ocorrência de incêndios são a Ceilândia Norte e o setor das QNG em Taguatinga. Como causas mais frequentes pode-se citar o descuido dos locatários com relação às

panelas no fogo, vela, lamparina e, especialmente, o fato de crianças serem deixadas sozinhas nos barracos enquanto os pais vão trabalhar.

Desde que passou a funcionar um quartel de atendimento do Corpo de Bombeiros na Ceilândia, conforme explicou o Tenente Josué, ficou mais fácil combater os incêndios. Mesmo assim, destruições totais ainda acontecem e, apesar de na maioria dos casos não haver vítimas, algumas mortes costumam ocorrer, especialmente de crianças.

"Em agosto", diz Josué, "morreu uma criança na Ceilândia e outra em Taguatinga Norte. Nos dois casos, os pais saíram para trabalhar e deixaram os filhos trancados. Os incêndios aconteceram e, apesar da interferência do Corpo de Bombeiros, não foi possível salvar as crianças."

Apesar de dramas como estes, os pais continuam deixando os filhos trancados. Segundo Dona Olga de Oliveira, residente na Ceilândia Norte, é preferível trancar os meninos do que deixá-los soltos nas ruas: "As crianças podem desaparecer e acontece muito crime por aí. Uma coisa eu sei, moça, a gente não pode ficar sem trabalhar e com criança ninguém dá emprego. A gente só tem uma saída: deixar todo mundo trancado". (Ana Vera Furquin)

Projeto desenvolve contatos com seres extraterrenos

"Projeto Alvorada, sem dúvida, é uma expressão fortemente ligada à ideia de futuro, e de pioneirismo também". E o que afirmou o arquiteto formado pela Universidade de Brasília, Luiz Gonzaga Scortecce, presidente da Associação Brasileira de Ufologia (Contato), entidade universalista sem fins lucrativos, responsável pelo projeto.

A proposta básica do projeto, segundo Luiz, é "desenvolver, projetar, implantar e operar até 12 centros avançados de estudos especiais, dedicados ao intercâmbio cultural, científico e tecnológico com civilizações alienígenas, visando a formulação objetiva de subsídios para o nascimento de uma civilização estruturalmente sábia, pacífica, ecológica, fraterna, cósmica e universalista".

ESTAÇÕES

Esses centros avançados, denominados Estações Celestes, possuem laboratórios, oficinas de metal, madeira, têxtil, cerâmica e vidro, além de salas de estar e reuniões, serviço de radiocomunicação, documentação e informática, observatório astronômico, fon-

tes próprias de energia, serviços de alimentação de base vegetariana, saúde e educação.

Estão planejadas duas estações a serem instaladas na Bahia, quatro em Minas Gerais, em Goiás mais quatro, e por fim duas em Mato Grosso.

Tais estações, afirma Luiz Gonzaga, foram geograficamente localizadas numa primeira aproximação via mediunismo intucional e mediunismo astral ou de incorporação. "Elas revelam-se como polos irradiadores de conhecimento científico, tecnológicos e de ordem superior a nível físico e parafísico, tendo em vista a garantia de novas bases culturais para o alvorecer da civilização do III milênio."

Essas estações serão os centros de onde partirão equipes volantes de apoio material e espiritual às comunidades rurais e urbanas e aos milhares de acampamentos previstos que se formaram em vários lugares. "Nosso passado e nosso presente estão repletos de acontecimentos ufológicos interpretados como fenômenos sobrenaturais" concluiu o arquiteto. (Eduardo de Oliveira)

"Teatro e forró no Museu, não"

O Museu Histórico e Artístico de Planaltina talvez não conste de muitos roteiros turísticos do Distrito Federal. Mas na semana passada, uma polêmica entre membros da Sociedade de Amigos do Museu chegou às páginas dos jornais, trazendo as comemorações do aniversário de lançamento da Pedra Fundamental de Brasília um toque inusitado: a discussão por uma comunidade das finalidades e da utilização de um museu.

Trata-se de decidir o destino de um antigo e bem conservado casarão do final do século passado, abrigo de peças e documentos históricos de Planaltina e de Brasília, tombado na última quarta-feira pela secretaria do patrimônio.

POLÊMICA

A polêmica entre a Sociedade de Amigos do Museu diz respeito principalmente à utilização do espaço físico do museu, que além dos salões internos, abrigo do acervo e local de comércio do artesanato da cidade, conta ainda com um modesto pátio.

Foi neste pátio que a atual diretoria da Sociedade, composta por membros da Oficina de Teatro de Periferia, realizou a "Perifestança", motivo de áspers críticas do professor Mário de Castro, matemático e historiador, proprietário de um vasto arquivo de fotos históricas, algumas atualmente em exposição no museu.

Para Mário de Castro, o espaço do museu deve ser utilizado para a conservação e mostra do acervo, "ligando a história de Planaltina à própria história de Brasília, buscando incentivar o turismo". Sem desprezar as promoções artísticas no pátio do museu, o professor é taxativo: "Teatro e Forró, no Museu, não".

REUNIÃO

Foi neste clima de polêmica que aconteceu a reunião entre a Sociedade de Amigos do Museu e o administrador regional de Planaltina, Salvano Antônio.

Abrindo a reunião, o atual presidente da Sociedade, Geraldo Lima do Teatro Oficina, apresentou a proposta de seu grupo para a ação do museu — uma proposta de democratização do espaço, com "incentivo a atividades geradas pela própria comunidade".

A proposta não contou com o apoio unânime dos associados e a diretoria foi duramente criticada por suas ações passadas. O professor Mário relembrou os motivos que o levaram a retirar a sua chapa durante as eleições que escolheram a atual diretoria, considerando o caráter antidemocrático da "votação não-secreta".

Por outro lado, foi considerada a dicotomia entre as propostas da Oficina e suas ações práticas. "A diretoria da Associação", afirmou o administrador, "deve ser distinguida da Oficina", lembrando o caráter de apoio da Associação ao Museu: "O Museu pertence ao Governo, sob a guarda da Administração. A diretoria da Sociedade de Amigos não deve ser confundida com a direção do Museu".

A principal crítica, porém, foi a mais abrangente e a mais contundente: a reunião fora desviada por antigas e isoláveis divergências entre duas correntes antagonicas, deixando-se de lado a principal discussão: "O que é um Museu? Que atividades deve desenvolver?"

Após a reunião, porém, um alento à Sociedade. Há esperanças de que com o tombamento, o Museu angarie mais apoio, principalmente da Fundação Cultural, saindo do quase anonimato e integrando-se definitivamente ao roteiro turístico da Capital. Ao final também, saiu a proposta da formação de um grupo de trabalho para a elaboração de um calendário de atividades do museu. (Armando Bulcão)

Campus — O que o senhor pensa da UnB em termos de proposta? Durante um certo período privilegiou-se mais o ensino e a pesquisa, sobretudo na área das ciências exatas, e hoje percebe-se que o privilégio está na área de extensão.

Azevedo — Não há privilégio para a área de extensão. O que acontece é que esta área por se voltar também para um outro tipo de público, para a comunidade de Brasília e, até certo ponto para o país, não quer dizer que ela seja mais importante. Pelo contrário, ela até não é tão importante. O que acontece é que ela dá mais lobo. É claro que dá mais lobo saber que chegou aqui seu fulano de tal, por exemplo o Norberto Bobbio. Sai em todos os jornais e revistas ao passo que o fato de dizer que você tem problemas no curso de Comunicação, ou que o curso de Comunicação está muito bem é uma coisa que diz respeito a uma população circunscrita num campo basicamente acadêmico.

Campus — Não é, então, uma coisa deliberada?

Azevedo — De maneira alguma. Até porque a Universidade não dá um tostão para matéria paga. A única matéria paga que a Universidade dá é a prevista em lei, que são os editais, e a outra é para a venda de livros da Editora. Essa matéria paga é feita de maneira muito precisa. Nenhum anúncio é colocado sem implicar numa venda de livros que pague realmente os custos do livro e os custos do anúncio.

Campus — Mas não se reclama nem tanto pela divulgação na imprensa, mas por se dar maior atenção à Ciência Política.

Azevedo — Nós não damos maior atenção à área da Ciência Política. O que aconteceu foi o seguinte: é que quando se começou a fazer curso de extensão, chegou-se à conclusão que a área mais controversa que tínhamos aqui era justamente a área de humanas e, na área de humanas, a área de Ciência Política. Então, nós optamos por esta. Nós queríamos ganhar uma certa competência no trato da questão do ensino à distância e começamos a fazer isto porque seria muito fácil você adotar textos estrangeiros de física, química e matemática, quando a física, a química e a matemática são iguais no mundo inteiro e bastaria traduzir e divulgar. Nós optamos justamente por cursos desta natureza, pela vinda de pessoas com esse perfil de conhecimento, porque nós queríamos complementar o que fazemos na universidade, o que pessoas de outras instituições nos ajudaram a fazer: "Afonso Arinos, Cândido Mendes, Hélio Jaguaribe, Vicente Barreto, tanta gente que tem vindo aqui, para que se dê ao estudante da área de humanas, não só da universidade, mas por onde a instituição deve voltar os olhos prioritariamente, mas para o Brasil inteiro novas opções de leitura. E o que é tão ou mais importante, o contato com as pessoas que estão, no momento, produzindo as coisas mais relevantes do mundo inteiro.

Campus — E a alegação de que são sempre pessoas de pensamento conservador?

Azevedo — Acho que não. Eu lhe dou exemplos: nós trouxemos aqui o teórico do Partido Comunista Italiano, Lúcio Colletti; a Joan Robinson, tida como a papisa da economia marxista e assim sucessivamente. Quer dizer, o parâmetro não é ideológico, até mesmo porque as pessoas mudam de ideologia.

Campus — Vários departamentos na área de Humanidades, como o de Ciências Sociais, se ressentem da falta de verbas para o mestrado e para a graduação.

Azevedo — Não há falta de verba pra ninguém. O curso de Antropologia é um dos melhores do Brasil, talvez o melhor. O de Sociologia também é muito bom. O que acontece é que muitas pessoas da área de Sociologia estão indo para o Departamento de Relações Internacionais; o que não quer dizer nada, pois os professores, para finalidades de ensino, não estão vinculados a um departamento. O importante é que a universidade seja boa e não que o departamento a, b ou c seja bom.

Campus — E as dificuldades com a contratação de professores?

Azevedo — A contratação de professores não é meta da instituição. A meta da instituição é contratar bons professores. E eu acho que a contratação de bons professores tem sido feita, na medida em que esses aparecem. Porque se formos contratar professores apenas para preencher marcas de estatística de relação professor/aluno, a universidade vai fechar. A UnB é hoje reconhecida como uma boa instituição por uma série de motivos, entre eles, obviamente, a qualidade dos professores. Veja o exemplo do curso de Comunicação. Eu mesmo levei a proposta de contratação do Carlos Chagas, do Walder de Góes, do Rui Lopes, do Castello Branco. Dessas, nem todas puderam vir. Mas não é pelo fato de se deixar um claro na relação de contratações que se vai colocar uma pessoa de menor qualificação.

Campus — E o caso dos Departamentos de Agronomia e Engenharia Florestal que reclamam da falta de professores?

Azevedo — A mesmíssima coisa se aplica. Há falta de professores em algumas instituições, mas uma coisa é você consolidar um ensino ruim, contratando mais professores, a outra é você adiar o problema, na tentativa de obter um

professor melhor, desde que ambas as medidas não prejudiquem os alunos. Eu vou dar um exemplo prático: é preciso contratar um professor porque há um grupo de alunos que não tem uma determinada disciplina e ninguém pode suprir esta lacuna. Enquanto não surge um bom currículo, a Universidade, em princípio, não autoriza a contratação. Mas admita que chegue um grupo de quinze alunos ao final do curso que não vai se formar se não tiver esse professor. Nós temos professores visitantes que suprem essa lacuna, que vão e voltam. Eventualmente, até se contrata por prazo fixo um professor de qualificação não tão satisfatória, que resolve esse problema. Depois continua a tentativa de buscar um outro. Não há nada de transcendental nesse procedimento.

Campus — No Brasil há, então, insuficiência de bons professores?

Azevedo — Não, não estou dizendo que no Brasil há insuficiência. O que há é uma série de fatores que eventualmente impede uma contratação num prazo tão hábil como às vezes se faz necessário.

Campus — Muitas pessoas que vivem o dia-a-dia na UnB dizem que há dificuldades entre a comunidade e a administração central.

Azevedo — Uma prova de que não é verdade está aqui. Vocês.

Campus — E a ADUnB? Outro dia na abertura do Fórum...

Campus — De segundo grau da Rede Oficial.

Azevedo — Que Fórum?

Campus — O Fórum de Debates promovido pelo DCE e pela ADUnB, o Presidente do Sindicato dos Professores...

Azevedo — Quem é ele?

Azevedo — Quem é ele?

Campus — Professor Libério.

Azevedo — Ele é professor de quê?

Campus — De segundo grau da Rede Oficial. E ele disse que veio discutir com a Rectoria problemas de salário...

Azevedo — Comigo não.

Campus — Foi o que ele disse. Que o senhor recebeu o Sindicato, mas não recebeu a ADUnB.

Azevedo — Ah! Mas isso foi há um ou dois anos.

Campus — Então, como é essa relação?

Azevedo — Não há por que receber instituições no âmbito da Universidade que não são oficiais. O Sindicato é uma entidade oficial, tem atribuições definidas, razão pela qual eu recebo.

Campus — O senhor não reconhece, então, qualquer representatividade na ADUnB?

Azevedo — Não é que eu não reconheça a representatividade na ADUnB. O que eu não reconheço é representatividade na ADUnB para discutir o que ela tem se proposto a discutir.

Campus — E o relacionamento com os estudantes?

Azevedo — O que é que tem?

Campus — O fato de eles eventualmente fazerem oposição à presença do senhor com manifestações, o senhor considera que tenha algum fundamento?

Azevedo — Eu acho isso até certo ponto normal. Seria estranhável que numa instituição que tem 16 mil pessoas, não houvesse pessoas que fossem contrárias a a, b ou c. O que eu espero é que essas pessoas tragam indicações, propostas que levem ao aprimoramento desse relacionamento.

Campus — Há opiniões controversas de que as verbas da UnB, não estariam sendo bem aplicadas. Por exemplo, o problema da extensão, de trazer convidados, inclusive o Kissinger, que causou uma grande manifestação, saindo até em jornais da França.

Azevedo — O fato de ter saído em jornais da França não quer dizer que seja bom ou ruim, verdadeiro ou inverídico, até ai nada demais. E isto daí se chama dependência cultural, achar que o que é estrangeiro é bom. Mas é a questão do Kissinger?

Campus — É a questão das verbas. Em vez de pagar pelo Kissinger...

Azevedo — E quem é que pagou pelo Kissinger? A Universidade pagou? Eu pensei que todo mundo já soubesse. Todos os jornais deram. A Universidade não deu um único centavo.

Campus — E os outros?

Azevedo — Que outros?

Campus — Por exemplo, a compra da casa para o Vargas Llosa morar.

Azevedo — Será possível que alguém iria comprar uma casa para o Vargas Llosa morar? Eu que tenho direito a compra da casa pela Universidade não compro, vou comprar para o Vargas Llosa? Esta casa está comprada há dois anos.

Campus — E qual o interesse da UnB em comprar uma casa?

Azevedo — Essa casa tem valor primeiro histórico. E a casa onde morou Oscar Niemeyer. Segundo, nós vamos construir lá um museu. Terceiro, foi de graça. A UnB comprou o terreno e a casa por metade do preço do terreno. Se você achar naquele lugar um terreno e uma casa valendo o triplo do que a UnB pagou, venha me avisar.

Campus — Quer dizer que é mais uma questão de investimento?



Fala o sen

Azevedo — É lógico. Ou você acha que a Universidade vive dos recursos públicos apenas. Nós temos que fazer dinheiro.

Campus — Ficamos sabendo que há umas duas semanas o senhor disse que a partir do ano que vem a UnB teria cursos de mestrado noturnos.

Azevedo — Eu? Nunca disse isso. Nunca disse, nem vou dizer.

Campus — Teria sido num churrasco.

Azevedo — Eu vou tão pouco a churrasco que o único churrasco que eu fui foi há uns quinze dias, mas não disse isto. Quero saber quem era o espiao... (risos).

Campus — Falando agora em modelos importados, por que uma "Universidade Aberta"? Só por que existe uma na Inglaterra?

Azevedo — Não só lá, em dezenas de outros lugares. Nos Estados Unidos estariam sendo implantadas onze. A ideia é de um novo tipo de instituição que tem por finalidade atingir segmentos da população que hoje não têm ensino superior, e também contribuir pelo aprimoramento do ensino atualmente em vigor. Então o que temos de concreto no programa da Universidade Aberta, por enquanto, é o curso de extensão e só e mais nada. Acha que esses cursos de extensão, como os de Ciência Política, Relações Internacionais, História Contemporânea, têm tido uma receptividade tal, que eu espero que algum dia uma universidade diga: bom, este rapaz aqui fez o curso de Ciência Política na Universidade de Brasília por correspondência, é um curso sério, bom, a avaliação é idônea, ele foi aprovado, vamos dar créditos no curso dele. Que mal há nisso? Na medida em que você estenda isso na área de curso de extensão, você basicamente está beneficiando, além do estudante, a outras pessoas que nem sabem que existe este tipo de informação, então você está levando — isso é uma função da Universidade — conhecimentos à sociedade. Exemplo: além do curso de extensão e os encartes que estamos fazendo no Jornal de Brasília e uma revista de circulação nacional que também começará a fazer estes encartes agora, porque quem está interessado nestes cursos é justamente a imprensa, ou você acha que nós estamos pagando para o Jornal de Brasília colocar estes cursos lá? Mas veja, se vier a Universidade Aberta no Brasil — e pode ser que ela não vier agora, em cinco anos, mas terá de vir porque isso é uma exigência do desenvolvimento — (a Universidade Aberta existe na Inglaterra, Japão, Estados Unidos, França, Alemanha, China, Rússia, Austrália, Israel, Espanha, está sendo implantada na Venezuela...) por que você não pode gra var uma

fita, que vai lhe custar Cr\$ 50,00, Cr\$ 60,00, sobre a História dos Meios de Comunicação; você vai pra casa, deita na cama e aprende. O importante é você aprender na sala de aula, diante do professor, com giz e quadro-negro, ou você aprender?

Campus — E a discussão?

Azevedo — O importante é aprender. Mas a discussão você tem que ter.

Campus — Como aprender também é importante.

Azevedo — É claro, razão pela qual estes cursos não vão se resumir ao indivíduo sentar e abrir um artigo, lê isso e fica uma coisa insípida, inodora e nem nossos cursos escritos são assim. Veja os do próprio Jornal de Brasília são usados com metodologia própria da Universidade Aberta, ou seja, intercalados por perguntas, remissões, por vastas listas de referências.

Campus — Estas questões como Universidade Aberta, cursos de extensão não evoluem de um esquema maior, um projeto que o senhor teria para a Universidade?

Azevedo — Qual Universidade, a de Brasília?

Campus — Não, a Universidade como um todo.

Azevedo — Não, não tenho nem sequer condição ou pretensão e tenho até o juízo suficiente para não pretender uma coisa dessas a nível nacional. O que eu acho é que a Universidade de Brasília, por uma série de motivos, tem condição de alertar para a existência deste tipo de problema. E nós estamos com isso também ocupando espaço na TV com programas educativos.

Campus — A pergunta anterior tem a ver com o fato de que sempre quando há mudanças no MEC, o seu nome está sempre cotado como ministerial.

Azevedo — E daí?

Campus — O projeto para a Universidade tem relação com isso.

Azevedo — Bem, em primeiro lugar, você deveria fazer esta pergunta a quem bota a notícia no jornal. Eu, desta última vez, posso até lhe dizer que estava em Itapoá, numa praia, não tinha rádio nem TV. Eu soube que o ministro tinha saído na sexta-feira. Então, alguém botou meu nome no jornal. Pergunte a essa pessoa. Eu não tenho nenhum interesse nem nenhuma condição porque, me diga uma coisa — antes de responder, deixa eu saber sua pergunta especificamente — você diz que toda vez que muda o MEC surge o meu nome... devem ser os inimigos. (Risos)

Campus — Dizem que o Sr. interrompeu suas férias...

Azevedo — Não é verdade, eu te dou a passagem de ida e de volta. Voltei justamente

é Carlos Azevedo

Gontrovertido é o mínimo que se tem dito do Reitor da UnB. Aqui ele fala da Universidade, de política, do seu relacionamento com a comunidade acadêmica. Foram mais de duas horas de entrevista aos repórteres Letícia Borges, Nelson Luiz e James Gama. Os trechos principais estão reproduzidos abaixo.

hor Reitor

naquele sábado por um motivo apenas: as aulas de minhas filhas começariam na segunda-feira. Só por isso. Do contrário, estaria lá até hoje.

Campus — Outra coisa que dizem também, especulando, é que o senhor talvez estivesse esperando o Maluf.

Azevedo — Que Maluf? (Risos)
Campus — O Paulo Salim Maluf.

Azevedo — Pra que, pra vir pra Universidade, como professor?

Campus — Não.

Azevedo — Professor de Comunicação. Nossa! Acho que ele entende disso.

Campus — Pelo menos na persuasão, ele é muito bom. É que todo mundo sabe das pretensões dele, das suas aspirações à Presidência da República.

Azevedo — Sei. Até aí você não botou nada na minha boca.

Campus — Talvez, então, dizem que o Sr. estaria integrado ao que se chama por aí de esquema Maluf. O fato de seu nome não ter saído com insistência na lista dos ministeriais agora, seria, por esperar, com uma visão no futuro, o Maluf, que seria, talvez, uma coisa mais sólida.

Azevedo — Não vejo por que. E na fase da cogitação livre e impune, eu acho que a professora Esther tem ótimas relações com a Educação em São Paulo, é um nome nacional e deve continuar. Então, não há este tipo de coisa, você há de convir que eu tenho juízo suficiente para não fazer este tipo de jogada, eu tô aqui, o dia que quiser sair daqui, vou embora. Não faltam outros locais.

Campus — Sem almejar o MEC?

Azevedo — Não vejo por que almejar o MEC. Como não almejar a reitoria, não almejei absolutamente nada. Eu estava no Rio de Janeiro, dono de duas firmas, professor do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, vice-diretor do Instituto de Pesquisas da Marinha, numa ótima. E me mandaram pra cá.

Campus — Acho que seria uma aspiração natural de qualquer reitor...

Azevedo — Não, acho que não.

Campus — ... principalmente de uma Universidade importante como a de Brasília...

Azevedo — Eventualmente de um reitor sem juízo.

Campus — Aspirar ao MEC?

Azevedo — Não, não aspirar ao MEC, mas achar que você ser reitor implica em que o estágio subsequente é ser ministro. Só alguém que não tenha um mínimo de tino pode pensar numa coisa dessas.

Campus — Falando em Presidência da República, como é que o Sr. vê...

Azevedo — Ai vocês estão saindo do negócio acadêmico, estão querendo me colocar contra a parede.

Campus — Como vê a situação política do país, por exemplo, a partir de 15 de novembro, levando em consideração que a oposição tem chance de fazer a maioria nos governos estaduais e até na Câmara.

Azevedo — Eu acho que o resultado eleitoral, uma vez que foi admitido este processo como o que convém ao país — e convém — a oposição ganhar significa que a situação perdeu. Não significa mais nada.

Campus — Não muda a convivência?

Azevedo — A convivência é um fator que altera até com um melhor conhecimento das pessoas. A não ser que se entenda que o processo político é um mecanismo para locupletação, para enriquecimento ilícito, para favoritismo, para veicular ideologias, já não discuto, acho que vai dar curto-circuito.

Campus — Descentralização, reforma tributária, municipalização?

Azevedo — Não sei se isso já não está em curso.

Campus — O senhor acha que é satisfatório as verbas que são...

Azevedo — O processo de municipalização caracteriza o regime federativo. O que acontece é que na História do Brasil, parece, — e eu também não tive uma boa formação em História — nunca foi levado à exterior consequência. Os tempos modernos exigem que esse processo se faça. O processo de municipalização é fundamental para a sobrevivência de uma democracia e um regime federativo. O que não acho é que isso seja feito no papel. Até para receber dinheiro é preciso competência.

Campus — Muitos reclamam que no Brasil as verbas para Educação vêm diminuindo e não atingem os 12%...

Azevedo — Mas qual é o índice? De onde vem este 12%, e por que é 1% ao mês?

Campus — ONU/UNESCO. Países em desenvolvimento.

Azevedo — A ONU não decide nada. Quem decide quais os países em desenvolvimento também é a ONU?

Campus — Existem critérios...

Azevedo — Olha eu vou lhe dar um exemplo de que isso não é verdade. Acho que para a Educação deve-se dar... porque não 13, ou 14%?

Campus — O mínimo de 12%...

Azevedo — E por que não? Porque 12, qual o fundamento, a lógica?

Campus — O senhor acha, então, que a verba para Educação no Brasil é satisfatória?

Azevedo — Não estou dizendo que ela não é satisfatória, muito pelo contrário. O que eu acho

é que a verba para a Educação no Brasil, me parece, são mal gastas. Antes de dizer que precisa tirar dinheiro da Educação, ou dar mais dinheiro para a Educação, precisa saber em que está sendo gasto.

Campus — É a questão do ensino pago?

Azevedo — Perna, este assunto... não dá o golpe, não. (Risos).

Campus — Mal gastas por quem?

Azevedo — Primeiro: o altíssimo custo de uma Administração Central. O Ministério da Educação tem um efetivo de pessoal maior que o Ministério do Exército. Acho que são coisas não comparáveis, mas vamos continuar a citar números. O orçamento de pessoal do MEC é maior que o do Exército. Mais de 70% das verbas federais para a Educação são destinadas às Universidades e elas vão mal. Há alguma coisa de errado. E as federais, diga-se de passagem, têm cerca de 30, 35% dos alunos. Você pega o maior orçamento, gastando na sua maioria para um certo nível de ensino que tem o menor número de alunos em relação aos demais e que não vai bem. Tem alguma coisa atrapalhada aí no meio.

Campus — Voltando à pergunta anterior, o senhor acha que o ensino pago pode ser a solução para este problema?

Campus — Por que se instituir o ensino pago e não se universalizar o gratuito?

Azevedo — Ah, aí é uma questão de aritmética. Se você sabe que hoje só as federais têm ensino gratuito e se o Ministério da Educação custa tudo isso, imagine aumentando o orçamento do Ministério 2,5 vezes para dar ensino de graça para todos.

Campus — Antes disso, como estão sendo distribuídas mais verbas para a Educação e não para a compra de armamentos militares, por exemplo?

Azevedo — Em tese, concordo, mas veja a falácia do raciocínio: o sistema de ensino, nos Estados Unidos, é bom, ainda que a maioria das universidades seja ruim, é melhor que o nosso, podemos fazer esta concessão. No entanto, o orçamento para a Defesa lá é, pelo menos, 12 a 15 vezes maior que o orçamento federal para a Educação. Então, o que é preciso saber é quanto de recursos para a Educação efetivamente precisa ser provido para dar o melhor ensino, equipar as universidades, ter boas bibliotecas, pagar salários condignos aos professores, de tal maneira que eles possam se dedicar só ao ensino e não ficar com 5, 10 empregos. No momento em que se tiver uma visão correta disso, talvez este número seja 27% do orçamento.

Campus — Na sua opinião, então, a verba que é destinada hoje para a Educação é boa, razoável?

Azevedo — Não estou dizendo que é boa nem que é razoável. O que estou dizendo é que me parece que existem coisas pouco compreensíveis na área do orçamento.

Campus — O que estará errado, então, é a política adotada pelo Ministério?

Azevedo — Também não estou querendo dizer isso.

Campus — Não deveria ser encargo do governo arcar com a Educação, assim como com habitação, saúde, etc?

Azevedo — Estas coisas custam um preço. E o da Educação gratuita na Rússia é a direção das vocações, das inteligências pelo Estado. Num regime democrático isso é inadmissível. Pode ser que lá seja bom lá, desculpem dar o exemplo da Rússia é o que me ocorreu. Mas em outros países isso acontece.

Campus — Falando de política, o que o senhor acha do Maluf?

Azevedo — Maluf, por que o Maluf?

Campus — Por causa da projeção alcançada por ele.

Azevedo — O país depende da política. Ou tem uma boa política — o país pode ser bom, ou se tem uma política ruim, ele nunca pode ser bom. Então, procurando responder a sua pergunta, eu acho salutar que pessoas se afastem da sua vida já acertada, milionário, bilionário, e procurem influenciar para o desenvolvimento do bem-estar do país. Isso se aplica ao caso dele.

Campus — Ele é presidencial, dizem as especulações...

Azevedo — Não sei.

Campus — Dizem... Temos já como presidencial, ele...

Azevedo — Quem mais?

Campus — Medeiros.

Azevedo — Que Medeiros, o da Caixa Econômica? (Risos)

Campus — O Otávio, do SNI, Andreazza, Costa Cavalcanti, Marco Maciel, conforme se saia nas eleições... O senhor tem alguma opinião sobre isso?

Azevedo — Deixa eu ver quem são...

Campus — Em quem o senhor votaria para Presidente? (Risos)

Azevedo — Eu não faço parte do Colégio Eleitoral.

Campus — E se a eleição fosse direta?

Azevedo — No que tivesse a melhor proposta para o desenvolvimento brasileiro. Enquanto

elas não forem conhecidas, todos se equivalem.

Campus — Os partidos já têm propostas. O que o senhor acha delas? Tem alguma preferência?

Azevedo — Eu faço parte do Conselho Técnico da Fundação Milton Campos. Eu não faço, como reitor, engajamento político, não posso, não devo e nem tenho condições de fazer. A minha preferência política, até a existência de um programa melhor do que aquele que em certa ocasião eu achei satisfatória. Eu, pessoalmente, vou votar em candidatos do PDS por causa da vinculação.

Campus — Em São Paulo, o quadro luparipartidário se manifesta de forma clara. O senhor acha que o Montoro ganha?

Azevedo — Por acaso li a Veja e o Globo/Isis. Entendo pouco de estatística, mais não sei como se faz previsão com 50 a 60% de indefinidos. Esse percentual muito grande de indecisos para mim significa uma coisa: pode dar qualquer um. E muitos votos muls ebrancos. É inadmissível que num Estado com tantos jornais, TV e que se bada lá isso o dia inteiro, ainda haja este número de indecisos. Não sei o que isso significa. Os prognósticos, então, revelam interesses pessoais.

Campus — E a Cédula?

Azevedo — Que cédula?

Campus — A eleitoral.

Azevedo — Ah, bom. Pensei que era pagamento da entrevista. (Risos)

Campus — Como está, ela não vai complicar?

Azevedo — Não sei. É um problema técnico. O Congresso votou.

Campus — Trazendo o raciocínio da mudança, das novas relações... O país respira mais democracia que há algum tempo atrás. Isto traz alguma mudança, alguma necessidade de adaptação aos novos tempos?

Azevedo — Da parte da Universidade?

Campus — Da sua parte, da Reitoria.

Azevedo — Por que?

Campus — Uma nova maneira, por exemplo, de se conversar com as pessoas.

Azevedo — Mas eu converso do mesmo jeito desde que me alfabetizei.

Campus — A aceitação da própria entrevista.

Azevedo — Não me lembro de ter negado entrevista, em particular para o CAMPUS.

Campus — Democratização da Universidade.

Azevedo — O que você entende por isso?

Campus — Eleições diretas, entre outras coisas, para os cargos de chefia.

Azevedo — Isso não existe em lugar nenhum.

Campus — Existe.

Azevedo — Onde?

Campus — Na PUC-Campinas.

Azevedo — É uma instituição particular. Se eu fosse dono de uma Faculdade particular, escolheria o biotipo da pessoa que só podia ser reitor. O dinheiro daqui é público. Por mais que pensem que é meu, é público.

Campus — O senhor não acha que seria interessante que a própria comunidade acadêmica elegeesse seus...

Azevedo — Há muitas coisas interessantes, nem todas boas.

Campus — Mas é exequível.

Azevedo — Eu quero saber onde isso existe.

Campus — Pode existir aqui.

Azevedo — Eu quero saber qual é a experiência em países que têm Universidade com letra máscula onde este tipo de coisa existe.

Campus — Rejeitando a comparação e a necessidade de precedentes.

Azevedo — Você sabe qual é o orçamento da Universidade? Maior que de alguns Estados. Deve estar, no dólar oficial, mexendo com um orçamento na base de 60 milhões de dólares. Vou ser eu o feliz proprietário de 60 milhões de dólares? Então vou comprar um lear-jet, mandar os alunos estagiar em St. Thomas... Não posso. Isso aqui é dinheiro público, e assim sendo, tem de ter normas que regulamentem a sua correta aplicação. No momento, em que o governo federal, estadual ou municipal, incumbido do repasse e responsável pela aplicação correta destes recursos, perde o controle da situação, vai virar uma grandiosíssima bagunça.

Campus — O senhor não se sente constrangido por ter sido reconduzido a um cargo quando a maioria dos estudantes e professores não desejava isso?

Azevedo — Se eu considerasse isso relevante não estaria aqui. Tenho informação suficiente para saber o que fazer. Eu acho que as discussões sobre isso têm pouco nível de informação.

Campus — Os cargos de direção não deveriam ser eletivos por toda a comunidade acadêmica?

Azevedo — Está bem. Eu acho, então, que os Reitores das universidades devem ser escolhidos pelos votantes de toda a sociedade. Quero ser mais amplo, mais democrático e liberal. Isso é democrático, embora seja discutível. Quem paga os impostos está pagando a Universidade.

Cresce a tensão na América Central

A grande imprensa brasileira destacou dois importantes acontecimentos internacionais até agora este ano: a guerra pela posse das ilhas Malvinas e, mais recentemente, o ataque de Israel ao Líbano. Mas praticamente deixou de acompanhar o desenvolvimento da situação política na América Central. Realmente, a região não é mais um palco de atitudes militares escandalosas. A situação hoje é de uma discreta, mas persistente e crescente ebulição. Focos de conflitos militares guerrilheiros na região dão um clima de instabilidade, principalmente quando ameaçada por uma intervenção militar americana.

Em entrevista ao **Campus**, diplomatas da Nicarágua e El Salvador deixaram transparecer a belicosidade da região. O Ministro-Conselheiro da embaixada nicaraguense, Octávio Martínez Ordoñez, descreveu assim a delicada situação de seu país: "O mais importante ocorrido durante todos esses meses foi a intensificação da pressão norte-americana sobre a Nicarágua. Primeiro fazendo campanha nos organismos internacionais contra o nosso país e, depois, dando apoio aos grupos contra-revolucionários que agem no norte da Nicarágua. Os grupos se converteram em verdadeiras unidades militares com armamentos mais sofisticados fornecidos pelos EUA para desestabilizar o governo sandinista".

Livrar-se das provocações parece ser uma constante preocupação do governo nicaraguense, "para não dar pretextos a invasões", já que por todos os lados chovem acusações de o governo sandinista alimentar movimentos armados.

GUERRILHA

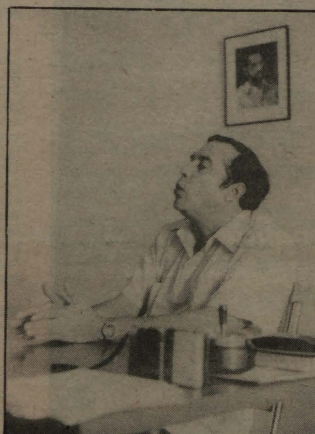
Em El Salvador, o governo de Alvaro Magaña tenta combater a guerrilha. Os ataques são constantes, mesmo após as eleições em março desse ano, quando, segundo o Embaixador de El Salvador, Gregório Contreras, obtiveram uma derrota política com as eleições e a presença do eleitorado "entre as balas guerrilheiras", ironizou. Se perdeu alguns pontos na política, a guerrilha salvadorenha deixou a metade do país sem energia elétrica duas vezes durante agosto, o que mostra que continua atuante militarmente. O Ministro da Defesa José Guillermo García declarou que os guerrilheiros já teriam matado ou ferido mais de 3.600 soldados do governo até o ano passado.

Entre a Nicarágua e El Salvador as relações não parecem as mais efusivas. Ao responder como estavam as relações entre os dois países, os diplomatas de El Salvador e Nicarágua referiram-se a uma situação normal: o nicaraguense, alegando respeitar os problemas internos dos outros países; o salvadorenho, num interessante pragmatismo responsável, disse aguardar o comportamento do governo sandinista para tomar novas posições em relação ao país.

Ao avesso de Ordoñez, o embaixador Contreras tem uma visão mais tranquila da América Latina, mesmo com a guerra dentro do país, que tem preocupado até o presidente do México, José López Portillo. Segundo Contreras, após a eleição da Unidade Nacional, presidida por um homem apatidário como Magaña, o país caminha para uma normalização. E comenta que seu governo fez com Costa Rica e Honduras uma aliança pela democracia com o objetivo de fazer algumas transformações que efetivamente democratizem a região. Mas o embaixador tem seus motivos para estar tão tranquilo, já que o congresso americano autorizou os empréstimos aos países caribenhos e centro-americanos onde El Salvador está incluído e Nicarágua excluída, porque na verdade o governo sandinista incomoda os países da região e aos EUA, que parece disposto a "não deixar o povo nicaraguense trabalhar na reconstrução de seu país", segundo Octávio Ordoñez. (James Allen)



Fotos Armando Bulcão



Só uma Nova Ordem pode salvar economia

A criação de uma Nova Ordem Econômica Internacional foi a única alternativa encontrada pela Assembleia do Fundo Monetário Internacional para salvar as economias de países do Terceiro Mundo, fortemente abaladas pelas altas taxas de desemprego, recessão, e, principalmente, pela inflação. Na sessão final da Assembleia, semana passada em Toronto, Canadá, Jacques Larosiere, presidente do FMI, defendeu uma posição mais sólida e austera da instituição para cumprir seu papel estabilizador da economia mundial.

O que foi julgado na Assembleia conjunta do FMI e do Banco Mundial foi a política econômica norte-americana que, em troca de um saneamento da economia interna, causa um desequilíbrio da economia internacional. Disso resultou uma atitude decisiva dos países pobres, que apelaram para que fossem aumentadas as cotas de contribuições ao FMI, o que se liga, diretamente, tanto ao montante das dívidas externas quanto ao generalizado estado de insolvência em que se encontram as suas respectivas economias.

REAGAN

A Assembleia acabou com o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Donald Reagan, mantendo a posição de seu país: não aumentar os recursos que concede às instituições internacionais de ajuda ao desenvolvimento dos países pobres. E por isso, o FMI resolveu acelerar seus trabalhos para que uma decisão final sobre um aumento das cotas de ajuda aconteça em abril do próximo ano. O nível atual de recursos do FMI é de 62 bilhões de dólares, mas a disponibilidade é de apenas 27 bilhões de dólares.

De acordo com relatórios divulgados na Assembleia, o endividamento do Terceiro Mundo não produtor de petróleo chega a números impressionantes: 440 bilhões de dólares (em dívidas de médio e longo prazo) e 110 bilhões de dólares (em dívidas de curto prazo). Desse total, quase 200 bilhões se referem a apenas três países da América Latina: México, Argentina e Brasil. O relatório do FMI mostra que a saúde do sistema financeiro inter-

nacional privado anda bastante comprometido, já que é credor de três quintos do total da dívida de 540 bilhões de dólares.

FUNDO

O Ministro da Fazenda, Ernane Galvães, em um discurso considerado como "duro" pelos analistas econômicos internacionais, admitiu a falência do sistema financeiro internacional e propôs a criação, dentro da estrutura do FMI, de um "Fundo de Crise", para atender à eventual impossibilidade do sistema privado de capitais de manter em níveis adequados os fluxos de recursos. Responsabilizou os países industrializados pela crise atual da economia mundial, e conclamou a estes países a reverter suas políticas de protecionismo financeiro e comercial, que estão assumindo formas danosas e ameaçam destruir um sistema de comércio duramente construído após a Segunda Guerra Mundial.

Numa crítica endereçada aparentemente aos Estados Unidos, Galvães, disse que "o Fundo tem sido atacado por prestar assistência a países com acesso ao mercado internacional privado de capital". Nesse sentido disse ele, o FMI não deve ser "reduzido a uma função de provedor de última instância". Isso, segundo o Ministro, significaria aplicar ao Fundo os mesmos princípios de "graduação" que os Estados Unidos fizeram o Banco Mundial adotar. O princípio de "graduação" limita o acesso brasileiro aos recursos do Banco Mundial. O Ministro recomendou ainda "que todos os países realizassem consultas com o FMI sobre os seus programas e ajustamentos, independentes deles resolverem obter assistência financeira do Fundo."

O Brasil é um dos 31 países que concordaram em reunir dois bilhões de dólares para Agência Internacional de Desenvolvimento (AID), que financia programas de desenvolvimento nos países mais pobres do mundo. O acordo, que não teve a participação dos Estados Unidos, dá a garantia de que a AID encerrará este ano com um nível de operações de 3,5 bilhões de dólares, muito superior ao de 1981, de cerca de 2,7 bilhões. (Liliana Vera / Pesquisa Campus).

O Mundo

SEQUESTRO

Três dias de negociações, dois terroristas feridos e todos os reféns ilesos. Este foi o saldo da ocupação da embaixada polonesa em Berna, Suíça, por um grupo de poloneses extremistas que disseram pertencer ao Exército Nacional Rebelde. Foi a primeira vez que um grupo polonês resolveu optar pelo uso da força fora de seu país, o que não fez com que as autoridades de Varsóvia hesitassem: delatou a ordem fria de que o prédio da embaixada deveria ser retomado do mesmo que custasse vidas humanas. O Sindicato Solidarnosc não entendeu não quis se responsabilizar por tais atitudes.

CORRUPÇÃO

O Banco Ambrosiano está financiando políticos, empresários e militares sul-americanos para produzir movimentos anticomunistas na região, inclusive com a compra ou concessão de ajuda a jornais. A revelação é do ex-banqueiro italiano Michele Sindona, que cumpre pena de 25 anos de prisão na Penitenciária Estadual de Nova Iorque, por prática de fraude na falência de seu Franklin National Bank.

CUBA

Todas as tentativas de reaproximação e propostas de planos de equilíbrio na região do Caribe têm sido sistematicamente recusadas pelos Estados Unidos. A declaração é do ex-chefe da missão diplomática Wayne Smith em Havana. Segundo ele, Cuba estaria realmente disposta a procurar uma acomodação nas relações com seu poderoso vizinho. Smith renunciou a seu posto no exterior devido a profundas diferenças entre sua forma de pensar e o comportamento do governo norte-americano.

CONVERSACOES

Aumentam os conflitos nas fronteiras entre Venezuela e Guiana. Mas as negociações parecem que vão começar, e para isso basta que os dois países entrem num acordo sobre onde devem iniciar as conversações.

MAO

Uma das decisões do 12º Congresso do Partido Comunista Chinês foi de acabar com a exaltação a personalidades. E já começaram a colocar em prática. O aniversário da morte de Mao Tsé Tung, 9 de setembro, passou completamente despercebido.

SANDERO

Morreu a mais procurada terrorista peruana, Edith Lagos (22 anos) tida como braço direito do professor Abimael Guzman, líder da Organização guerrilha de tendência maoísta "Sandero Luminoso". Foi no início do mês, durante um choque contra uma patrulha policial. A Edith Lagos aos atribuídos a maioria dos atentados em Lima nos últimos dois anos.

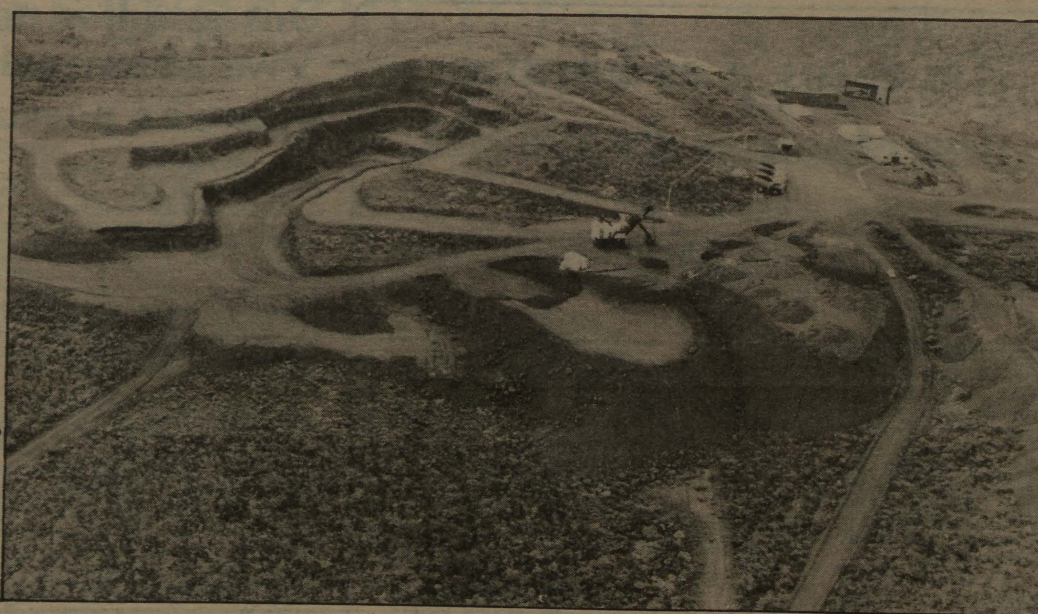
BEAGLE

A Argentina aceitou prorrogar os termos do tratado e manter sua vigência só na questão de Beagle, mas com uma condição: que o governo chileno desista de recorrer à corte internacional de Haia enquanto continuar a mediação papal sobre o disputado canal ao sul dos dois países.

INTERMEDIAÇÃO

O presidente guianense, Linden Forbes Sampson Burnham, visitará oficialmente o Brasil no período de 30 de setembro a 6 de outubro. Na pauta de conversação com o presidente João Figueiredo está a disputa territorial entre a Venezuela e a Guiana sobre a região de Essequibo. (Pesquisa Campus).

Foto Duda Bentes/Agil



Carajás: faltou debate

O professor e economista Antonio Dantas, da Universidade de Brasília, afirmou que o Projeto Carajás, (Foto), proposto pelo governo para, entre outras coisas, atenuar os desequilíbrios causados pela dívida externa, a longo prazo não deverá solucionar o problema. "Ao contrário", disse ele, "na medida em que o Governo necessitar de novos empréstimos para dar prosseguimento ao projeto, os gastos com o serviço da dívida e os juros certamente constituirão em novo problema".

O professor Dantas admite que, a curto prazo, a entrada de recursos externos não só permitirá tocar o projeto adiante, obtendo dólares com a exportação de matéria-prima, como dará garantia suficiente aos credores internacionais, assegurando novos emprés-

timos. Na sua opinião é isso que o Governo quer com sua visão imediatista: "aumentar o poder de barganha junto aos banqueiros internacionais".

INCERTEZAS

Recentemente, o professor Dantas concluiu um estudo sobre o Projeto Carajás a pedido do Ministro da Indústria e Comércio. Sua conclusão é que, antes da implantação do projeto, o Governo devia ter realizado diversos estudos, o que não ocorreu. "Nada foi devidamente planejado e pouco se pode afirmar com relação ao futuro do projeto, suas repercussões nos diversos níveis", disse Dantas. "Uma coisa é certa", prosseguiu. "O projeto só poderá trazer benefícios para a

região, na medida em que surgir um novo complexo mineiro-industrial, além de inúmeros núcleos habitacionais localizados ao longo de uma ferrovia que aproximará a Serra de Carajás de São Luiz, no litoral nordestino, onde está sendo construído um porto para navios de grande porte".

Com relação à questão fundiária, ele afirma irônico: "É uma característica inerente do próprio sistema que, por definição abriga somente grandes projetos. Assim sendo, sempre existirão os problemas relacionados à terra". Por último, ele afirmou: "A ideia é conseguir emprego, algum conforto e algo mais. Isso é tão sedutor aos olhos do caboclo que, mesmo perdendo parte do antigo contato com sua região, ele não hesitará em optar pelo projeto". (Jânio Carlos)

POLÍTICA

O controle das rédeas no Planalto

"Os meus ministros fazem o que eu determino e não o que eles querem". Com esta frase o presidente Figueiredo, ao pedir que transfirm para ele as críticas lançadas aos seus ministros, deixa claro que continuará a usar de sua autoridade para resolver problemas administrativos, centralizando todas as decisões modificando a seu modo o quadro ministerial quando assim lhe convier, mesmo que para isso tenha que criar ministérios para abrigar os amigos do tempo de farda.

Muitos ministros já caíram por não concordarem com essa excessiva centralização. O exemplo mais marcante foi o ex-ministro da educação, Eduardo Portella, que quando de sua exoneração veio a público declarar — "Saio porque não sou ministro, eu estou ministro". Se aos desafinados com a política do governo resta sair, aos compatíveis com ela é imperativo ficar, mesmo que isso signifique a criação de um cargo tampão como o apresentado há poucos dias ao general Danilo Venturini.

O último troca-troca de ministros envolveu nada menos que três pessoas. O general Rubem Ludwig assumiu a chefia do Gabinete Militar, sendo substituído no MEC pela professora Esther Figueiredo Ferraz, enquanto que o general Venturini, que antes ocupava o Gabinete Militar, foi para o recém-criado Ministério Extraordinário para Assuntos Fundiários, acumulando também a Secretaria-Geral do Conselho de Segurança Nacional. Com uma só tacada o presidente Figueiredo resolveu o problema de ter afastados de si os seus amigos ministros devido à rigidez do regulamento militar.

INTERESSES

Essas mudanças demonstram que os interesses pessoais se sobrepõem às mudanças administrativas. Os remanejamentos são feitos não para melhorar alguma coisa e sim para se promover quem se deseja. Assim, a criação de um ministério é primordial não tanto para resolver o problema fundiário brasileiro, mas para que o presidente não se prive da presença de um amigo ao seu lado. Típicas de uma organização burocrática, essas promoções baseadas em amizades pessoais se tornam perigosas na medida que podem transformar uma crise familiar em uma crise administrativa, como no recente episódio que envolveu o ex-governador Aimé Lamaison.

A evidência de que os interesses envolvidos nesse quadro são pessoais se confirmam facilmente se atentarmos para as declarações do presidente Figueiredo. Enquanto afirmava que queria o Venturini perto de si, não importando a função, o presidente desejava evitar que um amigo de tantos anos fosse para a reserva. Agia, dessa forma, passando por cima das leis militares com uma indisfarçável discriminação aos demais. No segundo caso, ao declarar ao Ludwig que como presidente preferia vê-lo no ministério, mas como amigo desejaria que voltasse ao Exército, Figueiredo deixa que a sua amizade se sobreponha inclusive ao cargo de presidente. Seria o caso de perguntarmos se seria melhor para a nação que o Ludwig, que começava a receber elogios pela sua gestão, continuasse no cargo ou que fosse servir como ajudante de campo ao Figueiredo.

Pode-se dizer, finalmente, que o cargo se transforma em profissão em troca de uma rigorosa subordinação. Daí por que de se ouvir falar tanto em missão, em ordem a ser cumprida, nos últimos tempos. Mais do que tudo, o presidente procura fortalecer seu esquema para evitar possíveis fatos consumados em relação à sua sucessão. (James Gama)

Lobby: seminários sem novidades

A velha discussão sobre o "lobby" está de volta. Em dois seminários promovidos em Brasília no início de setembro, na UNB, e no VII Congresso de Relações Públicas, essa atividade — que até poucos anos atrás era seara exclusiva dos escritórios de advocacia — ganhou novamente destaque.

Mas, afora as conhecidas explanações a respeito da legitimidade que deve ser conferida à profissão de "lobbyist" e sobre a importância do "lobby" nas situações de vigência do regime representativo, onde o Congresso faz leis e o Poder Executivo formula políticas que podem ser modificadas pela influência articulada dos chamados grupos de pressão, não há novidades na discussão.

Os estudantes de relações públicas que assistiram ao painel do VII Congresso da classe, por exemplo, ouviram quatro ou cinco vezes a mesma definição de "lobby" como uma denominação derivada da expressão norte-americana "lob", ou ante-sala, e a explanação de que "lobbyists" seriam os frequentadores das antecâmaras de poder. Um dos expositores do seminário — de que participaram dois deputados federais, um conselheiro da Ordem dos Advogados, um representante da Fiesp e um lobista sediado em São Paulo — deu-se mesmo ao trabalho de remontar ao direito romano para justificar a legitimidade e importância da atividade. Outros preferiram apontar a necessidade de desmistificar o "lobby" como apenas mais uma atividade ou um serviço a ser prestado pelo profissional de relações públicas. Todos, porém, evi-

taram mencionar exemplos concretos ou trazer "cases" reais para o debate.

LIMITAÇÕES

Embora estivessem presentes experientistas lobistas — como Jorge Costa Neves, que trabalha para a Alcoa — Aluminum Company of America em Brasília, como assessor da presidência da empresa para relações governamentais, e que já trabalhou para a Shell, ou o lobista norte-americano Ernest Wittemberg, proprietário de uma empresa de "lobby" sediada em Washington — as palestras ficaram limitadas a discussões sobre princípios.

Os casos verdadeiros, que ajudariam a esclarecer para estudantes e profissionais em que estágio está a atividade de "lobby" no Brasil e afinal quais são os problemas reais que o pessoal de relações públicas estaria encontrando para trabalhar nessa área, foram omitidos, como sempre acontece, protegidos pelo anonimato exigido pelos clientes.

Wittemberg, por exemplo, que trabalha no ramo desde 1959, ao se referir ao caso brasileiro, em vez de falar sobre as empresas, preferiu transferir a discussão para a área do governo, dando mesmo uma receita para que o Brasil supere, por meio de um esquema de "lobby" mais eficiente, a atual má-vontade das autoridades norte-americanas com as importações de produtos brasileiros.

"Eu marcara presença em Washington, criando um centro de estudos comerciais, que divulgaria informações a respeito do Brasil para um público de

acadêmicos e jornalistas, e que também atuaria junto aos congressistas e representantes da Comissão de Comércio Internacional", ele sugeriu.

DIVERGÊNCIA

Colocando de lado as eventuais lições de diplomacia e as distinções de costume entre o "lobby" e as práticas menos recomendáveis de suborno, tráfico de influência e todo o rol de contrafações de relações públicas (quebra-galhos, vigaristas, profissionais da mundanidade, plutogogues), sobre as quais todos concordam, um ponto de divergência tem ganhado importância.

Profissionais de relações públicas e advogados entendem que a atividade do "lobby" é mercado próprio e exclusivo de cada uma dessas classes. "A profissão de lobista já foi regulamentada há quinze anos quando por lei foi criada a profissão de relações-públicas", afirma Nemércio Nogueira, diretor de relações públicas da Alcoa. Uma opinião de que certamente discordariam os representantes dos vários escritórios de advocacia administrativa, um eufemismo para o "lobby", para a atividade de ajudar empresários e executivos de empresas de todos os setores a influir no governo, que funciona há muitos anos em Brasília, e que a abertura política, se vier a ser complementada por uma vida legislativa mais movimentada, poderá ampliar, trazendo os lobistas brasileiros a correr com mais frequência os corredores do Congresso Nacional, em vez de se limitar às ante-salas dos gabinetes ministeriais. (Cláudia de Souza)



Pararays: só discos independentes

No Jegue, um bom espaço para os alternativos

Atrás do Trio Elétrico está toda a alegria da arte popular. E foi pensando nisto que Ary Pararais montou o seu Jegue Elétrico. Um bazar tão curioso quanto o nome que tem. Por que Jegue Elétrico?

"Primeiro, porque, o jegue é um bicho muito trabalhador. No interior da Bahia, o pessoal de lá costuma improvisar um Trio Elétrico com alto-falante e tudo, no lombo. Daí, Jegue Elétrico", responde Ary.

Aqui em Brasília, mais do que uma simples novidade, o Jegue Elétrico já é um espaço de cultura alternativa. Na verdade, Ary criou este bazar no mês de abril sem maiores pretensões. A ideia era abrir as portas à arte em geral e aos produtos naturais. Havia de tudo um pouco: discos, livros, posters, açúcar mascavo, foguete. Mas os discos, hoje o grande "achado" de sua loja, foram levados para lá mais como um efeito, do que como uma proposta séria de trabalho. Os primeiros a preencherem as prateleiras foram os independentes. E aí veio a descoberta: "Brasília tem um grande público para estes grupos, coisa que jamais se pensou".

PROJETO

A partir daí, Ary começou a amadurecer o projeto de transformar o seu "Jegue" numa Feira Permanente do Disco Independente. Trouxe contato com o pessoal das gravadoras do eixo Rio-São Paulo e chamou a produção local para participar. Neste ponto, um fato curioso: os independentes de fora vendem bem mais que os daqui. Tetê Espíndola, por exemplo, em apenas dois dias vendeu onze dos quinze elepês que o Selo Som da Gente havia remetido para o Jegue Elétrico.

Perguntado sobre os motivos da preferência do público pela produção de fora, Ary respondeu: — "Não, o problema não está na falta de qualidade, mas sim na ausência de um empenho maior em cima do disco. Quando estive em São Paulo, no começo do mês, encontrei Tetê Espíndola trabalhando seu elepê *Pássaros na Garganta*, às duas horas da madrugada, numa emissora de lá. O pessoal daqui, de um modo geral, ainda não entendeu que o que vende o disco é a execução que ele tem nas rádios, e, diante disso, eles precisam mais sair em campo.

Um outro fator que pode de certa forma interferir na preferência do público segundo Ary, é o problema do disco compacto. "Este é sempre mais difícil de ser vendido, quando ainda não é sucesso. E aqui em Brasília, em termos de produção independente é o que temos. A alma do negócio está na divulgação e na distribuição, que, quase sempre, no caso dos independentes, é escassa. Clara Crocodilo, de Arrigo Barnabé, e a Banda Sabor de Veneno, produção de Robinson Borba, já estão se tornando raridade. O próprio Arrigo não tem mais nenhum exemplar para vender. Quando estes três aqui se forem... adeus... Eles são realmente os últimos. Esta escassez, por outro lado, não deixa espaço para o enalhe, e, aqui no Jegue, ele não pode mesmo existir, pois a loja é pequena. E por isso também que sempre escolho os discos a dedo".

E de expectativa em expectativa, Ary Pararais vai sentindo a reação do público, tendo sempre como ponto de partida o desejo de promover um intercâmbio entre os independentes daqui e de outros lugares. Pelo menos uma vez por mês, ele promete um "happening" com concertos em teatro ou a céu aberto, trazendo e levando músicos que puderem fazer um show mais "fácil". Isto, é claro, por causa das implicações econômicas. E por difíceis que elas sejam o "Jegue Elétrico" há de vencê-las porque dentro dele existe muita energia e criatividade. (Mara Régia).

Os ratos e as baratas dos cinemas da cidade

Na tela, o galã prepara-se para dar um beijo apaixonado na mocinha quando repentinamente tudo escurece e o filme continua apenas com o som. "Olha a luz!". Gritos, assovios e os costumeiros palavrões. Permanece escuro. Um rapaz vai à cabine de projeção. Não há ninguém. Pede providências. A bilheteira, tenta fazer a luz retornar. Em vão. O operador chega e troca a lâmpada. Tinha ido tomar um cafezinho. A imagem volta depois de dez minutos.

Situações como esta fazem parte do cotidiano das sessões de cinema em Brasília. Para o público, assistir a um filme nos cinemas locais tornou-se uma grande aventura; deve ter, além de coragem, uma grande dose de paciência e tolerância. Sim, porque o público acomodou-se a uma situação que já dura alguns anos. O descanso era o mesmo, desde a administração do Sr. Karim Nabut.

Ano passado, a cadeia de cinemas foi arrendada pela empresa "São Paulo-Minas", que prometeu uma completa reformulação na péssima programação até então veiculada pela empresa do Sr. Nabut. Hoje, tanto a programação como as salas permanecem num estado lastimável, não justificando o preço dos ingressos (Cr\$ 500 inteira e Cr\$ 250 meia) que têm subido vertiginosamente nos últimos meses.

Karim 110/111. O filme "Universo em Fantasia-Heavy Metal", um desenho animado americano futurista, para adultos, prende a atenção do público apesar da cópia usada. Subitamente, a fita arrebenta. As luzes acendem-se. A sessão é interrompida. Reclamações generalizadas. Depois de alguns minutos, o filme recomeça. A cena não é mais a mesma. Foram "comidos" uns 15 minutos de filme.

O público reclama sobretudo do som deficiente, da programação ruim, da má projeção das cadeiras rasgadas com pregos e das baratas e ratos encontrados com frequência nas salas. A quem compete as providências, um órgão fiscalizador ou a própria empresa? Procurado pelo Campus, o gerente da empresa "São Paulo-Minas", recusou-se a dar entrevista sob a alegação de que os jornais locais (*Correio Braziliense* e *Jornal de Brasília*) distorceram completamente suas declarações a respeito deste assunto. "Em vista disso, adotei por norma não dar mais entrevistas".

Filme: *A Mulher do Dinheiro*. Sessão das 22h no cine Bristol. A atriz Romy Schneider monopoliza o filme. A partir de um certo momento, as cenas começam a ficar desconexas. A medida que o rolo do filme era trocado, o operador, por conta própria ia "correndo" o filme. As 23h30min termina,

...ENQUANTO ISSO,

NA SAÍDA DO CINEMA...



quando só deveria acabar, segundo o horário, depois da meia noite. Motivo: o operador morava na Ceilândia e não podia perder o ônibus.

A falta de concorrência, em virtude do monopólio exercido pela cadeia exibidora, é, em grande parte, responsável pelo abandono das salas, pois a competição de mercado suscita melhora de qualidade. O único cinema que não pertence à cadeia (o Atlântida, da Luiz Severiano Ribeiro) não constitui ameaça, porque apresenta os mesmos problemas. As únicas exceções são o Cine Brasília e a Cultura Inglesa.

O cineasta Vladimir Carvalho concorda que as salas brasileiras estão decadentes e são tecnicamente instaladas já que ressentem-se de um projeto de engenharia à altura. "Defeitos como desfoque na tela, ora de um lado, ora de outro, é apenas uma questão de ajustamento; é preciso que tenha condições ideais ou pelo menos não afete tanto o telespectador".

Sala Badya Helou. Sessão das 16h. Warren Beatty e Diane Keaton emocionam com seus encontros e desencontros no filme "Reds". De repente, o personagem principal John Reed, está na Rússia quando minutos atrás estava nos Estados Unidos. O rolo estava trocado e ninguém percebeu! Na outra troca de rolo, Reed ia embarcar para a Rússia... E a sessão continuou normalmente como se nada tivesse ocorrido.

Mas o negócio em cinema está entregue às baratas. Deveria haver fiscalização da Secretaria de Saúde na questão da higiene e da Embrafilme na questão da apresentação técnica. Porém, Tânia Viegas, da Embrafilme, admite que não existe na legislação da empresa, a incumbência pelo estado das salas ou se a projeção é boa, razoável. "E uma lacuna que não se tem como preencher". (Débora Maroza)

Dos estúdios do Viva Maria, sai o povo e a poesia

Dia 14 de setembro de 1982, auditório da Escola-Parque. Entra em cena Mara Maravilha, aquela que há um ano comanda as tardes da Rádio Nacional AM com o seu programa Viva Maria. O auditório, completamente tomado, é composto especialmente por donas-de-casa das cidades-satélites e por domésticas. Estão ali para comemorar o primeiro aniversário do programa, em uma tarde inesquecível de autógrafos, autógrafos que (incrive!) elas darão aos artistas. É o lançamento do livro de poemas do Viva Maria, uma seleção das poesias que os ouvintes enviaram todos os dias à Rádio para serem levadas ao ar todas as terças-feiras.

A expectativa é total. Antes do lançamento do livro, o sorteio dos presentes que os artistas enviaram às suas fãs. São mais de duas mil cartas na urna. Ao lado do palco, roendo as unhas, está Júcia Cleide Lopes. Ela não quer o anel de brilhante, nem a cafeteira elétrica; Júcia enviou quase quarenta cartas para ganhar um rádio daquele que ainda é o mais pedido: Sidney Magal. E, se Deus quiser e Mara permitir, autógrafo o livro que lhe será enviado, na página que ela escreveu: Magal dos meus suspiros, Magal dos sonhos meus, Magal do meu amor, de minha vida Magal/ Querido Magal, é presença de anjo/ minorando minha solidão/ És brilho/ de estrela clareando a escuridão/ És um grito de Deus acordando o coração. És Magal ternura, de minha vida a razão.

CANTINHOS DE POESIA

Tudo começou em dezembro de 1981, com a carta de uma ouvinte. O Viva Maria tinha menos de três meses e já era um sucesso. "Sabe, Mara, o mundo anda dando virado, tão deturpado e tão violento que, na minha opinião, a poesia é o nosso único alento. Bom, talvez não seja o único, mas é um dos" - escreveu Maria Neide de Carvalho. E logo atacou com seus versos: É uma desordem de pensamentos/ É um tal de amor-próprio ferido/ É uma mistura de sentimentos/ E a cuca fundil/ É o desejo reprimido/ É o sofrimento crucificado/ É a saudade doída/ É o sofrimento/ E tudo isso/ O pedaço de uma vida!

A produção gostou da ideia e criou o quadro Cantinho da Poesia, o ponto alto do Viva Maria das terças-feiras. O público também gostou, e os versos foram chegando acima do esperado. Só na última semana apareceram mais de 20 poesias. E tem de tudo: versos melancólicos, dramáticos, sociais, cafones, plagiados e até psicografados. "Mas são todos uns amores: são tão ingênuos, essas Marias e Josés", afirma Mara Régia, ou Maravilha, como preferem seus ouvintes.

Janete Cardoso Nunes, por exemplo, uma "sensitiva", diz que recebe poesias dos falecidos Elis Regina e Miguel Gustavo, autor do hino da seleção de futebol *Prá Frente Brasil*. Este ano Janete Nunes apareceu com o hino *Brasil Bola Pra Frente*, supostamente psicografado de Miguel Gustavo, afirmando que se a música não fosse devidamente divulgada o Brasil perderia a Copa. E realmente o povo não cantou *A Seleção Brasileira/ Precisa de apoio e de carinho/ Estamos com vocês/ Na mesma vibração*...

Estórias, o Cantinho da Poesia tem muitas especialmente de plágios. Alguns plagiaram versos de J.G. de Araújo Jorge e Ferreira Gullar, mas outros, menos imaginativos, vão buscar inspirações em Elba Ramalho: *Canta, canta passarinho/ Canta... Quero ver você voando/ Quero ouvir Mara falando/ Quero paz no coração*. Também tem estórias boas para contar, como as de Líia Neves de Souza, que... Se eu soubesse escrever na água/ Como escrevo na areia/ Escreva seu lindo nome/ No sangue de minha veia... ou... Bem pertinho de minha casa/ Encontrei um ninho de cobra/ Eu terei prazer na vida/ Se chamar sua mãe de sogra.

Procurando mais um pouco, encontramos estórias como a de Nery's Girl, ou Francisca Nery da Silva, que sonha ser poetisa. Pelo menos, com seus versos, é uma das mais assíduas frequentadoras do Cantinho da Poesia, sempre falando do amor que tem para dar... Demonstres tudo que tua/ Imagem masculina/ Poderia demonstrar/ Dei-te o que de mais cruel/ Poderia dar... Cheia de sonhos, Nery's Girl ficou emocionada quando soube que havia sido selecionada quando soube que comemorativa do aniversário do programa. Os exemplares do livro são poucos (mil) para serem distribuídos entre muitos ouvintes, mas ela, agora mais cativada pelo Viva Maria, quer enviá-las a muitos amigos para continuar sua busca... Ah! Se me cativares/ Te farei os mais lindos versos/ Inspirados no teu amor/ Se me deres do teu amor/ Também do meu te darei/ Ah! Como seremos felizes.../ Cativa-me... (Hugo Studart)

AGENDA CULTURAL

CINEMA

Bons filmes na cidade. Fiquem de olho e não percam:

PRETO E BRANCO EM CORES — direção de Jean-Jacques Annaud. Melhor filme estrangeiro no Oscar de 79. África Ocidental. 1ª Guerra Mundial. Duas comunidades brancas (francesa e alemã) exploram a negra, sem saber que com a guerra, agora são inimigos. A inutilidade da guerra é retratada com uma dimensão humorística e humana. De 14 a 19 de setembro.

VIVER — direção de Akira Kurosawa. Considerado o melhor filme de Kurosawa. Um velho burocrata, condenado à morte pelo câncer, angustiado, repensa todo o seu viver, desde a juventude. Lembra a esposa morta, o filho já adulto, casado e com vida própria. Durante algum tempo, traumatizado, falta ao trabalho. Passa e tenta divertir-se, gastando as economias longamente acumuladas. De 23 a 26 de setembro.

Ambos na Cultura Inglesa (908 Sul). Sessões: de terça a sexta às 20:40 horas. Sábado e domingo às 18, 20 e 22 horas.

CADÁVERES ILUSTRES

— direção de Francesco Rossi. Filme político que retrata o terrorismo na Itália de hoje. Lino Ventura no papel principal. De 20 a 26 de setembro.

No Cine Brasília (106/107 Sul). Sessões: de segunda a sexta às 16, 18, 20 e 22 horas. Sábado e domingo às 14, 16, 18, 20 e 22 horas.

BODAS DE SANGUE — direção de Carlos Saura. A adaptação da peça de García Lorca. Dia 18 de setembro. Somente às 18 horas. Sessão única.

MÚSICA

QUINTAS MUSICAIS NA UnB — o Departamento de Música da UnB promove concertos de música, erudita e popular para toda a comunidade acadêmica. As sessões musicais são no auditório do Departamento de Música, toda quinta-feira às 11 horas da manhã. Entrada franca.

EGBERTO GISMONTI — o consagrado compositor e cantor Egberto Gismonti estará na cidade para mais um show nos dias 8 e 9 de outubro, em local a ser ainda confirmado.

De 23 de setembro até 5 de outubro, o **Grupo Instrumental e Tal**, com Renato Vasconcelos, estará reapresentando o show "Suite Brasília". O espetáculo vai ser no Teatro da ABO (L-2 Sul, quadra 616), às 21 horas.

Depois de lançar seu primeiro LP, "**Jardim da Fantasia**", com o maior sucesso no Bar Amigos, **Paulinho Pedra Azul** promete continuar na cidade até outubro, fazendo muitos outros shows. Portanto, guardem...

TEATRO

O grupo **Leite e Mel do Cerrado Dança Teatro** apresenta a peça infantil "**Maria Cantiga de Roda**", com direção de George Duarte Filho. Dias 25 e 26 de setembro, sempre às 16 horas, no Teatro da Escola-Parque. O espetáculo é para todas as idades.

A peça **Crepe Suzette**, o **Beijo da Grapette** será reapresentada nos dias 18 e 19 de setembro, às 21 horas. Com Alexandre Ribondi, Marcos Bagno e a participação especial de Cleber Loureiro. No Teatro da ABO.

A opulência do mineiro através da publicidade

Distinguir o mito da realidade, percorrer o terreno do estereótipo e entender, pelos "momentos de autoconsciência do mineiro", a incongruência de Minas Gerais são algumas das propostas apresentadas pelo professor Sérgio Porto, chefe do Departamento de Comunicação, em seu livro **A Nova Opulência das Geraes**, com a finalidade de interpretar o mineiro através do texto publicitário.

Carlos Drummond, Guimarães Rosa, Tomás Antônio Gonzaga servem de base a considerações sobre o caráter do mineiro, acentuando-se conotações mais conhecidas, sua ambiguidade e atitude reflexiva.

Referindo-se ao fato de Drummond criticar o discurso de exaltação de Minas e não se mostrar um poeta opulento, autoglorificador de sua terra, Sérgio Porto assinala que a produção publicitária, contrariamente, não tem como objetivo a problematização e rediscussão da realidade.

O discurso mineiro, sempre influenciado pelo quadro de dependência e pela crescente perda de substância econômica do estado, não é todo ele submisso, mas infelizmente "o texto que hoje se respira em Minas Gerais é muito mais um texto de auto-exaltação do que um texto problematizador". A publicidade, a serviço da ideologia do consumo industrial, utiliza-se dos produtos culturais mineiros, dentro de uma perspectiva deturpada e opulenta.

Ao analisar as campanhas publicitárias da Fiat, o autor se detém especialmente no anúncio que relaciona o tutu, tradicional comida mineira, à instalação de uma empresa multinacional no país, exemplo do esforço imaginoso da publicidade em inverter a realidade, com o consumo de bens culturais mineiros: "o automóvel passa a ser o grande alimento do mineiro".

O texto publicitário misturou-se à linguagem dos mineiros, banalizou-a, e agora modifica o seu significado, utilizando novos significantes. O Aleijadinho de 1750, por exemplo, juntamente com as



igrejas barrocas, significaram momentos de afirmação crítica, uma certa posição contrária ao estabelecido da época, mas hoje são retomados e transformados pela Fiat em aliados, incentivadores do processo material e industrial. "O signifiante do Aleijadinho tinha uma relação precisa de significação com o seu significado histórico da época. No entanto, a publicidade de hoje inverte esse processo de significação; dá-lhe outro significado".

Segundo Sérgio Porto, ainda a relação entre o estudo da sócio-semiologia da linguagem do mineiro e o poder conduz à ideia de que todo discurso mineiro, publicitário ou não, tende a ser afirmativo, opulento e, portanto, submisso, pois mesmo que o texto mineiro se faça na insubmissão, na inconfidência, trata-se geralmente de um texto que tende a ocupar os espaços consentidos pelo poder. (Ricardo Bandeira)

Classificados

Vende-se

Aparelhagem completa de som marca Kenwood DT 2.600, amplificador, deck, toca-disco, am-fm, duas caixas acústicas. Preço: Cr\$ 410.000,00. Falar c/João à noite. Fone 272 2932.

Baby-sitter

Psiu! Se você quer sair à noite e não tem com quem deixar seu filho, ligue para Luciene, estudante de Comunicação da UnB, nos seguintes telefones: manhã e noite- 272 0000 R/ 2254; à tarde - 225 9105 R/354. Grande experiência.

Palhacinha

Hoje é o aniversário do seu filho? Então faça algo diferente para ele, contrate os serviços de Luciene Assis, da Comunicação da UnB, para animar a festa como a Palhacinha Lulinha. Informações pelo telefone: 225 9105 R/354, na parte da tarde.

Brasília

Vendo uma Brasília 79, cor bege, bem conservada. Tratar com Nelson pelos telefones: 568 1107 (noite) e 233 1386 (tarde) ou no Departamento de Comunicação pela manhã.

Super 8

Vende-se filmadora Super-8 Cannon Eletrônica Modelo 512XLE com Auto-Zoom. Interessados falar com Tânia, no Departamento de Comunicação, ou pelo fone 242 4274.

Mel

O mel é de abelha, lógico, mas colhido da flor do eucalipto. Mel puro garantido. Procure o Pedro pelo telefone: 244 5565.

Discos

Vendo discos de Rock'n Roll. Slade, Made in Brazil, Alice Cooper, Grupos in Concert, Black Sabbath, Rolling Stones. Preço a combinar. Tratar com Eduardo no Departamento de Comunicação.

Trotsky e Lênin

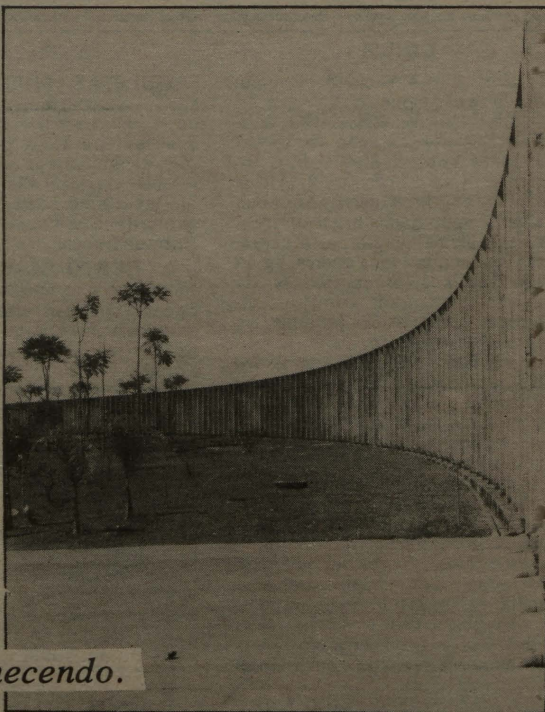
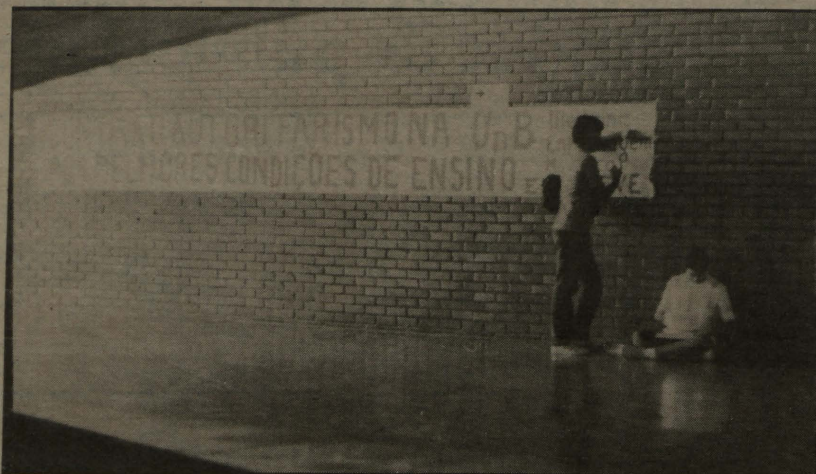
Os doces de maior sucesso até hoje na UnB continuam à venda na porta do Bandeirão. "Brigadeiros" e "Almirante" custam só Cr\$ 35,00 cada.

Ufologia

Os Centros Acadêmicos dos Departamentos de Comunicação e Letras, visando ampliar os ramos do conhecimento dentro da universidade, promoverão este semestre a primeira semana de Ufologia da UnB. Aguardem!

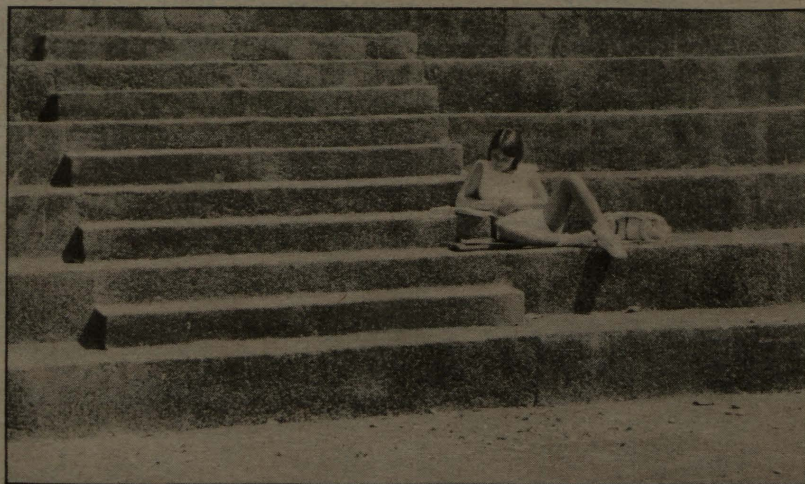
Lapiseiras

Ao pensarem em lapiseiras não percam tempo nem paciência. Bem pertinho de vocês! — no "hall" interno do 1º andar do Bandeirão — estarei esperando-os. Maiores informações pelo telefone 224 6906, com o Bosco.



*O Espaço guarda em ti a marca do ideal
De civilização, da construção face à natureza
Pouco a pouco te aprendemos e ocupamos tuas colunas
Tuas escadas, teu chão.
Nada se faz em vão. És bela, és nossa e estamos te conhecendo.*

(Nelson Luiz)



Sandra Tibana